

A. CÂNDIDO FERREIRA



CORACÕES  
EM BRASA

ROMANCE



3-3Ferreira,

MILHAR

M. Blweica



CORAÇÕES EM BRASA

## OBRAS DO AUTOR

### VERSOS E MÚSICA

Vinte e duas músicas para piano e canto, entre as quais :

#### *Gênero de Dança*

- APAIXONADA! — *Tango-canção* — 6.<sup>a</sup> edição.  
NAMORADOS — *Canção-one-step* — 3.<sup>a</sup> edição.  
AMOR DO CORAÇÃO! — *Tango-canção* — 2.<sup>a</sup> edição.  
GOSTO DE TI! — *Fox-trot-canção* — 2.<sup>a</sup> edição.  
LOUCA DE AMOR! — *Tango-canção* — 2.<sup>a</sup> edição.  
DECLARAÇÃO DE AMOR — *Canção-valsa* — 2.<sup>a</sup> edição.  
AMOR A QUANTO OBRIGAS!... — *Tango-canção*.  
CANÇÃO DO SOLDADO — *Canção-marcha*.

#### *Gênero «Lied»*

DIZE QUE SIM — *Canção portuguesa* (para piano e canto).

#### *Gênero Litúrgico*

AVÉ-MARIA — Aprovada pelo Patriarcado de Lisboa —  
(para piano e canto).

### POESIA

ÁGUA DA ROCHA.  
CÂNTICOS DO ÉSTIO.

### PROSA

CORAÇÕES EM BRASA — Romance.  
A MENTIRA DA VIDA (a publicar).

A. CÂNDIDO FERREIRA

# CORAÇÕES EM BRASA

ROMANCE

★



*Barcelos  
Portugal*

DEPOSITÁRIA :  
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

L I S B O A

51104

# I

**R**ODAVA o mês de Abril. Era domingo. A tarde seguia formosa e serena. Uma dessas tardes resplandecentes de luminosidade e de esperança em que nos sentimos impelidos para fora de casa.

Tinham soado já as 15 horas e o engenheiro Vila Fria não acabara, ainda, de almoçar. Havia-se deitado noite alta, quase ao romper de alva. De tal forma se embrenhara no estudo de um projecto de avião, que as horas tinham desfiado, sucessivamente, sem ele notar a sua sombra sequer.

O engenheiro Vila Fria pertencia ao número das pessoas que não desanimam logo ao primeiro escolho do caminho. Fazia

parte daqueles que, em se abalçando a um problema, o enfrentam com firmeza e perseverança, esquecendo-se do tempo, das diversões, de si próprios, enquanto não encontrarem a solução.

Era o terceiro projecto de envergadura a que se arrojara com a sua grande força de vontade e notável clarividência. Não conhecia esmorecimentos, nem fadigas, convencido de que todas as dificuldades seriam removíveis, para ele, dependendo o êxito, apenas, de persistência e de tempo. Do primeiro e segundo, — o estudo da electrificação de um caminho de ferro e o de uma barragem para aproveitamento de energia hidro-eléctrica, — saíra-se com retumbante sucesso. Tinha, assim, conquistado bons augúrios para uma brilhante carreira de engenheiro.

Apesar de haverem decorrido poucos anos após a sua licenciatura, chamava já a atenção dos próprios colegas de nome feito. Precisava, agora, de manter, pelo

menos, os seus créditos. Impunha-se-lhe não desprezar a estrela prometedora que o guiava. E o futuro seria dele.

A força dos seus 35 anos saúdáveis e moços, tanto do físico como do espírito, aliada a larga e desempoeirada visão e a porfiada constância, levava-o a concluir, sempre com feliz resultado, as suas tarefas.

Filho de um abastado proprietário transmontano, Ludgero Nuno Carvalhal de Vila Fria — seu nome completo — herdara de seu pai, mais do que os bens materiais, o espírito forte e indefectível; a vontade própria e domínio absoluto em si mesmo; o rumo bem traçado e seguro do seu cérebro de eleição, na conduta sã e digna, no trabalho proficuo e honesto.

Votava às coisas supérfluas um desprezo absoluto. A ciência absorvia-o demasiadamente para ter tempo de se dedicar a diversões ou digressões amorosas.

Não havia, por isso, a despeito da sua

adiantada adolescência, contraído matrimónio. E como não tinha, ainda, constituído lar e os pais não possuíam casa em Lisboa, vivia hospedado num dos hotéis da Avenida da Liberdade.

O Sol, já em plena curva declinatória, enviava os seus raios refulgentes e mornos, através das vidraças da sala das refeições, a convidá-lo à saída, para admirar a sua apoteose de magnificência. Mas o engenheiro, embora sensível a esse amável e sorridente convite, estava indeciso. Ao mesmo tempo que tomava a sua chícara de café, acompanhada do seu imprescindível cigarro «Camel», ia hesitando se havia de ir gozar as delícias dessa tarde maravilhosa, ou ficar no hotel, deixando-a extinguir-se, agarrado, febrilmente, ao seu projecto. Na luta que em seu espírito se travou enquanto observava, de olhos fitos no cigarro, as suas caprichosas espirais de fumo, diluídas, a pouco e pouco, em redor da sua cabeça, acabou por triunfar o cum-

primento do dever, a dedicação ao trabalho, timbre fiel do seu carácter. Nem ele, se fosse para a rua, poderia divertir-se, dada a preocupação constante em concluir a obra, que absorvia completamente o seu espírito.

Desta forma, tragado o último gole de café e esbatida a derradeira espiral do cigarro, levantou-se e dirigiu-se, indiferente a tudo que o cercava, para o seu gabinete de trabalho, retomando o estudo do projecto, com a confiança firme de que alcançaria o fim almejado.

Mal se sentou à secretária, já a porta se abria, entrando o seu dedicado amigo Dr. Filipe Jovial, advogado de largos créditos profissionais.

— Dás licença? Parece impossível!...

— Olá!... Estás bom? Que te traz por cá? Cheira-me a convite para alguma conquista...

— Nada disso. Mas deves concordar em que é um crime de lesa saúde estares enclausurado aqui, ao domingo, com uma

tarde destas tão radiante de sol e tão risos-  
nha de promessas... a fazer bonecos!

— Chama-lhe bonecos... a estes dese-  
nhos rigorosos, destinados à resolução de  
um problema transcendente...

— Eu faço ideia...

— O projecto de um avião.

— Ora, ora... Deixa-te disso. Não é para  
ti. Desgraçado de quem o experimentar.

— Talvez te enganes. As competências  
estão, muitas vezes, onde não se espera.  
Aqueles que alardeiam o seu valor são em  
geral medíocres.

— Pois sim. Mas, em Portugal, ainda  
ninguém se arrojou à construção de aviões.  
Não há indústria para isso. E não és tu,  
agora, sem mais nem menos, que os vais  
construir.

— E porque não? Alguém tem de ser o  
primeiro. E nada há que desfavoreça a mi-  
nha pretensão. O meu passado de enge-  
nheiro, como sabes, só a recomenda.

— Está bem. Mas onde é que te especia-

lisaste em motores de avião? Praticaste, no estrangeiro, em alguma fábrica?...

— Não pratiquei. Porém, não é, apenas, lá fora que há o poder de invenção ou modificação. Cá está a falta de patriotismo, a pouca confiança em nós próprios. Para a maior parte das pessoas só é bom o que o estrangeiro fabrica. E quantas vezes em Portugal se faz melhor. Além disso, tenho passado horas e horas lendo as revistas da especialidade, estudando, projectando, e continuarei até dar o assunto por terminado.

— Tu dás, mas é em doido... Larga essa mania. Anda de aí.

— Qual quê? Sair?... Então, eu perdi quase toda a noite passada no estudo deste plano, e agora que ele vai bem encarreado, que há esperanças de encontrar a chave da sua conclusão, hei-de interrompê-lo?! Tu é que não estás bom, com certeza.

— Precisamente, por esse motivo, de-

vias sair. A tua insistência no trabalho, nessas condições, torna-se contraprodutiva. Assim cansas o cérebro e chegarás a um ponto em que, fatigado, emperras, não dando um passo, nem para diante, nem para traz.

— Talvez não. É possível que eu aguente. Sou forte do espírito. Preciso de ultimar o projecto com urgência, antes que alguém tenha a mesma ideia e me tome a dianteira.

— Por isso mesmo. Se fores dar um passeio, se o abandonares durante algum tempo, conclui-lo-hás mais depressa. . .

— Isso é um paradoxo !

— Espera. Deixa-me acabar. Não ignoras de certo que um exercício físico interposto numa intensa tarefa intelectual, repara, pela abstracção e, portanto, pelo repouso do cérebro, o poder criador deste, que, assim, dará, depois, mais e melhor rendimento.

— Não sei. . . Custa-me a largar isto.

— Vem de aí, não hesites, e verás a se-

guir como chegarás ao termo, facilmente. A solução que agora te custa a encontrar, devido à fadiga do cérebro, proveniente não só do seu aturado esforço, como, também, da perda da noite, aparecer-te-há, num relâmpago, durante o divertimento, ou em casa, quando regressares. Resolve-te, veste o casaco e vamos até o casino do Estoril que, hoje, deve estar bom.

— Olha, eu vou. Mas tu tomas a responsabilidade pelo aprontamento rápido do meu trabalho. Depois de amanhã tem de ser concluído, custe o que custar. — Disse o engenheiro, levantando-se e começando a preparar-se.

— Assumo toda a responsabilidade que quiseres. Não é depois de amanhã, é amanhã mesmo. Enquanto te divertes, ele está a fazer-se automaticamente, por assim dizer.

— Lérias... És advogado e basta... Precisas da minha companhia e, por isso, vens com essas rábulas.

— Verás que não são rábulas. É a pura verdade.

— Bem, vamos lá. . . Para te fazer a vontade, apenas. — Terminou Ludgero, saindo com o advogado.

Desceram as escadas e entraram no automóvel deste, que os aguardava, pacientemente. Filipe agarrou no volante e, logo que o seu amigo bateu a porta, pôs o carro em andamento.

Subiu a Avenida da Liberdade, meteu pela rua Joaquim António de Aguiar, que ladeia o Parque Eduardo VII, e, seguidamente, pela auto-estrada, sua continuação, a caminho do Estoril.

## II

QUANDO o advogado e o engenheiro entraram no casino, havia já grande animação, apesar de pouco passar das 16,30 horas. Tinha convergido para aquele recinto de diversões um número imenso de pessoas, devido, talvez, à amenidade da tarde, — o primeiro dia brilhante de sol da Primavera desse ano.

Os sons vivos e harmoniosos de uma valsa muito em voga ecoavam em todo o edifício, unguindo o ambiente de alegria aliciante e entontecedora. No salão de baile, os pares, animados de louco entusiasmo, acotovelavam-se constantemente. Filipe e Ludgero, de pé, encostados a uma pilastra,

junto e ao lado esquerdo da orquestra, ardiam em veemente desejo de ver terminada a dança para poderem lançar-se, por sua vez, naquele torvelinho. Mas, ela parecia interminável, à força de ser repetida, a pedido dos pares dançantes, endiabrados, sedentos de diversão.

Entretanto, os dois amigos, fitando as raparigas, à medida em que elas iam volteando, saboreavam aqui um perfil esbelto e flexível; ali uma bela plástica, de formas salientes e bem proporcionadas; além uma figurinha gracil, estilizada, de linhas aerodinâmicas, dessas mulheres que seemham, na sua leveza, rendas que se evolvam na nossa frente...

Os olhos voluptuosos do Dr. Jovial não deixavam de fisgar uma formosa e gentil cabecinha loira, sobresaindo de um vestido verde de jade, toda ela vaporosa como a espuma, parecendo mais uma boneca automática do que um ser feminino. E pensava em que nos seus braços ela ficaria melhor

do que nos desse menino de rosto tímido e incaracterístico, a cheirar a leite e a «swing». Ela não se mostrava indiferente ao seu olhar, e ele alimentava já a ideia de cingi-la, ao ritmo da música, qualquer que fosse o meio de o conseguir.

Concumbidamente, o engenheiro, por seu lado, seguia, com fleugmática curiosidade, os olhos belos, negros e faiscantes, de uma linda morena, que ao seu amigo não tinham, também, passado despercebidos e lhe haviam, igualmente, despertado interesse.

— Já reparaste naquela morena que acaba de sentar-se em frente, na primeira fila? — Perguntou o engenheiro, ao dispersarem os pares.

— Foi uma das primeiras que notei.

— Conhece-la?

— Não. Porquê?

— Porque gostava imenso de dançar com ela.

— Isso arranja-se. Eu apresento-ta. —

Declarou Filipe, vendo sentar-se, à sua beira, a formosa loira, que tanto o havia entusiasmado.

-- Mas, não me disseste que ela não era das tuas relações?

-- Disse e que tem isso?

-- Como a hás-de apresentar, então?

-- Muito facilmente. A um homem de boa posição, agradável figura, alguma simpatia e um pouco de arrojo, como eu, nenhuma mulher lhe negará aceitação. Pelo contrário, elas até gostam de ousadia. É meio caminho andado na conquista... Expri-mem estranheza para dissimular. Demais ela mostrou inclinação para mim. E quando uma mulher ama tudo perdoa.

O Dr. Filipe de Soutelo Jovial era um rapaz de estatura média e robusta, mas elegante, audacioso e experimentado. O sentido psicológico do seu temperamento e a prática dos seus 29 anos, bem aproveitados, tornara-o conhecedor de todos os recantos da vida. Natural do Minho, esta-

va-lhe no sangue a intrepidez e a franqueza, peculiares da gente daquela Província. De espírito alegre e despreocupado, iluminava com o seu semblante, sempre prazenteiro, e a sua palavra colorida, os ambientes melancólicos e sombrios, tentando resolver todas as dificuldades e animando a todos.

O engenheiro Vila Fria, ao contrário, apresentava uma figura alta, escorrida e desempenada, vestindo de forma irrepreensível e com muito gosto. Diversamente do seu amigo, possuía um temperamento discreto, retraído até, porém mais ponderado e judicioso. Por isso, recusou-se a acompanhar Filipe para a apresentação, naquelas condições, porque dava já como certo que o entusiasmo e a imprudente audácia do seu amigo iam conduzi-lo a um desaire. Mas em face da insistência do advogado que, agarrando-lhe no braço, quase o arrastava, acabou por anuir.

A morena tinha-se sentado com a sua amiga, numa das mesas da primeira fila,

em frente da entrada. Se Filipe não fosse bem sucedido, dada a saliência do lugar, mais aparatoso seria o escândalo. Mas não. Tal não aconteceria. O Dr. Jovial estava seguro de conseguir o seu objectivo, porque sabia bem o terreno que pisava. Conhecia perfeitamente a psicologia feminina e tinha o sentido da oportunidade. Além disso, dispunha, sempre, do argumento convincente, no momento em que precisava dele. Demais, a absoluta confiança em si, o seu perfeito à-vontade e a sua irradiante simpatia, desarmavam, logo ao primeiro esboço de ataque, qualquer pretensiosa objecção feminina. Disso ele havia já tirado a prova, repetidas vezes.

Assim, aproximou-se da morena, esperando, à distância de quatro passos, em conversa simulada com o amigo, que ela o olhasse. Dirigiu-lhe um sorriso franco e sugestivo, seguido de uma vénia, e, como ela correspondesse com graciosidade, avançou resolutamente:

— Permita-me que lhe apresente o meu illustre amigo, engenheiro Ludgero de Vila Fria.

— Marcela Augusta. Muito prazer. — Disse, estendendo-lhe a mão.

— Encantado. — Declarou Ludgero satisfeito, também, por estar salva a situação.

— Já o conhecia de tradição, através das elogiosas referências de meu tio, o engenheiro Pousada.

— Que agradável coincidência! Não sabia que o meu amigo, engenheiro Pousada, que muito considero e admiro, tinha uma sobrinha tão interessante e gentil.

— É muito amável. — E fazendo a apresentação dele à amiga: — O Sr. Engenheiro Vila Fria, de quem te havia falado. A minha amiga Maria Jovelina. — Para o advogado: — E quem é o senhor? Quem o apresenta?...

— ... O meu amigo que V. Ex.<sup>a</sup> já conhece o poderá dizer.

— E se eu não o conhecesse? — Objectou

Marcela com intencional sorriso, mais para 'o deixar embaraçado ou pôr a lume a sua perspicácia.

— Tenho a convicção de que já lhe fui apresentado em qualquer parte. Por isso, me dirigi a V. Ex.<sup>a</sup>. Não frequenta a casa das Magalhães?

— Não. Não sou visita dessa família.

— Agora é que a arranjaste boa... —  
Interveio Ludgero.

— Não te aflijas... — E para a morena: — Nunca ouviu falar no Dr. Jovial?

— Ah, é o advogado Jovial?! — Interveio a loira, amavelmente.

— Eu mesmo em corpo e alma. — Respondeu Filipe, visivelmente satisfeito, como aliviado de um grande peso.

— Como está? — Cumprimentou Jovelina. — E para a sua amiga: — Apresento-te o Sr. Dr. Jovial de quem me tem falado, com grande elogio, a Ilda Valadares. — Disse para o ajudar a sair da situação em-

baraçosa, apenas, por simpatia, visto que nunca tinha ouvido falar dele.

— Muito gosto.— Declarou Marcela, estendendo a mão ao advogado.

— Folgo imenso em conhecê-la pessoalmente.

— Andou com sorte...

— Que alívio!...

A orquestra começou a executar os primeiros compassos de um tango lânguido e sentimental, de uma melodia e ritmos delectosos. O advogado convidou a loira para dançar, e o engenheiro tirou a morena.

Maria Jovelina era de uma beleza perfeita, aberta e rara. Tez branca como a açucena, cabelo da cor do sol doirado, e olhos verdes de esmeralda. Figura esbelta e graciosa, dinâmica, nos seus 21 anos travessos.

Marcela Augusta oferecia um aspecto completamente diferente. De compleição forte, sem deixar de ser, também, elegante, apresentava uma formosura discreta, serena, multi-encantadora. O seu rosto mo-

reno como o trigo, iluminado por uns olhos negros, da cor das amoras silvestres, profundos, cismadores, em contraste a um sorriso aberto e alvo como prata, irradiava uma interminável profusão de atractivos sempre nascentes, e tinha a sedução e a magia das noites enluaradas.

Difícil se tornava a escolha entre as duas amigas para quem não tem uma predilecção bem definida. Porque constituíam dois géneros perfeitos e acentuadamente diferentes de beleza feminina.

Jovelina não esperou que o advogado lhe dirigisse a palavra. Mal Filipe enlaçou a sua cinta fina e frágil nos seus braços fortes e musculosos, talvez porque presentisse a inclinação dele para a sua amiga, apressou-se a captar a sua simpatia, encetando, nesse sentido, a conversa.

De facto, a insistência com que o Dr. Jovial dirigia o olhar para o lado onde deslisava Marcela com o engenheiro, diligenciando orientar os passos em volta do seu

semblante quente, de mulher romântica, — verdadeira descendente de Agar, — como se fosse um astro, em redor do qual ele gravitasse, confirmava os pronúncios da loira. E aquele ambiente morno, voluptuoso, de sons dolentes e de projecção de cores, a meia luz, propício à paixão, tornava o perigo eminente.

Filipe compreendia pela experiência que adquirira e pela sua condição de prescru-tador de almas femininas, o nervosismo, mal contido, de Jovelina e divertia-se, ìnti-mamente, com esse começo de ciúme irre-primido. Ele não era homem de se deixar prender assim às primeiras impressões por nenhuma mulher.

— Parece que eu não lhe estava indicada para esta dança... — Disse a loira para quebrar o silencio.

— E porque não ?!

— Acho que se deve escolher o par, conforme a característica da dança. Eu sou alegre e a música é triste...

— Tanto melhor. — Respondeu o advogado.

— Quer dizer que não me convidou em primeiro lugar, apenas, por mera cortezia.

— Evidentemente. Se eu tivesse preferido para esta dança um par taciturno, sonhador, a monotonia seria completa. E eu gosto imenso dos contrastes.

— Contudo... sabe lá que de sonhos e ansiedades se desenrolam por detrás desta montra alegre e despreocupada!...

— Precisamente o que eu aprecio; uma alma romântica numa janela aberta e florida... É por si só um grande contraste.

— Mas, não dirá o mesmo às outras raparigas?...

— Como, se elas são tão diferentes de você?

— Terão outros encantos...

— Todas as mulheres, de uma forma geral, possuem atractivos, maiores ou menores. Tal qual as flores. Não há uma flor feia. Gostamos delas, na sua generalidade,

porém mais de umas do que de outras. O mesmo acontece com o elemento feminino. Amamos todas as mulheres. Mas há uma que nós distinguimos, que é a nossa predilecção.

Jovelina mudou de assunto, intimamente satisfeita. Parecia-lhe que já havia avançado muito em tão pouco tempo...

— Sabe? Tenho a impressão de que você canta.

— Porque diz isso?

— Porque conheço na sua emissão de voz.

— De facto, canto.

— Então, acertei. E deve cantar bem.

— Assim, assim. Vejo que é inteligente e tem cultura musical.

— Muito obrigada.

— Já, quando da apresentação, reparei que você é perspicaz, porque compreendeu e tirou-me, rapidamente, de uma situação difícil, pelo que lhe estou infinitamente grato.

— Você foi muito arrojado... Confesse.

— De acordo. Porém, se não o tivesse sido, não estávamos, agora, aqui, a dançar. E quem assim não fizer não triunfa na vida. Lá prega a máxima latina: «Audaces, fortunat juvat».

Com esta frase, emudeceram os últimos acordes desse tango tão cheio de promessas e de esperanças para os florescentes 21 anos de Jovelina.

Filipe acompanhou-a ao seu lugar, continuando a conversa. Quase ao mesmo tempo, chegou Ludgero, trazendo a morena, a quem agradeceu, retirando-se em seguida.

Logo que a menina Pousada se sentou, a loira, com o aspecto de satisfação de quem vê os seus desejos coroados de êxito, não se deteve no ímpeto de manifestar à amiga o seu contentamento, ocultando, todavia, o verdadeiro motivo dele.

— Não imaginas como o doutor dança bem.

— Deixe dizer . . .

— Acredito que sim. Isso é modéstia. —  
Concordou Marcela.

— E conversa admiravelmente. Fala com  
profundeza de espírito e golpe de vista,  
invejáveis.

— Sim, sim . . . Eu reparei no vosso entu-  
siasmo. . . — Declarou a morena, intencio-  
nalmente.

— Nada de estranhar, atendendo à pro-  
fissão que tenho. — Explicou o Dr. Jovial.

— Embora. Apreciei imenso as suas pa-  
lavras, porque, sendo advogado, nem uma  
referência, sequer, fez ao seu exito nos pro-  
cessos. Tal não acontece com muitos outros  
homens que se tornam, por vezes, enfado-  
nhos a citar, presumidamente, os triunfos  
do seu ofício.

— Para me maçarem bastam as horas  
que lhes dedico por dever. Fora disso, e  
principalmente ao pé de senhoras, prefiro  
falar de coisas belas e suaves e de interesse  
geral, a fim de me distrair e não aborrecer.

— Procede muito bem. Às senhoras, apenas se deve abordar assuntos leves e interessantes, os que mais se coadunem à sua estrutura delicada, não se detendo muito tempo em cada um. — Concluiu Marcela. Para a loira: — E ainda tu não sabes nada.

— ...!?

— Tudo isto: é poeta, compositor musical e cultiva o bel-canto. Possui uma linda voz.

— Bravo, doutor! Só me disse que cantava. Mas agora vejo que possui uma alma romântica, uma completa alma de artista. — Exclamou Jovelina.

— Completa, não. Um pouco de artista, apenas.

— Sempre modesto, doutor. Tem de cantar para nós.

— Por amor de Deus!... Não me meta em trabalhos... Eu não canto como julga.

— Canta bem, canta. Ele é que está a fazer-se rogado. — Interveio o engenheiro, regressado, naquele instante, da sala do bar.

— Cala-te! Que percebes tu desta arte tão complicada?!... Eu estudo canto há mais de dez anos e, cada vez, me parece saber menos. Que fará tu.

— Ora, precisamente. Dás-me, afinal, razão. As pessoas que muito estudam, quanto mais aprendem, menos julgam conhecer. Por esse facto é que te estás a desvalorizar, sem razão.

— Mas, então, se reconheces isso, não estou a fazer-me rogado.

— Seja como for. Há-de cantar para nós. Por mim, gosto imenso de canto. — Decidiu Marcela.

— E eu adoro-o, também. — Acudiu, imediatamente, Jovelina, para não ficar atrás.

— Tinha muitíssimo prazer em ser-lhes agradável. Mas, neste lugar, não.

Os rapazes eram em maior número do que as raparigas e, por isso, elas desapareciam nos seus braços, mal soavam as primeiras notas da música. A loira, então, não chegava para as encomendas. Devido à sua

beleza, excepcionalmente insinuante, comunicativa, e à sua elegância, distinção, perturbantes, servida por um temperamento acentuadamente moderno, os rapazes enxameavam em seu redor, à porfia de quem dançava primeiro. Como convergiam para ela muitos, ao mesmo tempo, teve de os numerar:

— ... Você está em n.º 7, você em n.º 8 e você em n.º 9. Em n.º 1, este senhor.

— Disse, apontando para o engenheiro.

— E eu?!... Há quanto tempo era n.º 3!?...

— Você não apareceu...

— Você é que nunca se encontra, já, aqui, quando eu venho...

— Não se zangue. Agora fica, decididamente, em n.º 10. — Terminou Jovelina, convencida de que se iria embora antes de atingir aquele número.

E, assim, ia contentando, com promessas vãs, aqueles que não lhe interessavam muito, enquanto tinha de sobejo rapazes de

quem gostava. A estes, especialmente a alguns deles, não era necessário lugar reservado. Entravam em qualquer altura, que ela sabia hâbilmente preparar, passando, com disfarce, por cima dos que estavam primeiro.

Marcela, pelo contrário, se bem que fosse de uma beleza escultural, fascinadora, não gozava de afluência igual à da sua amiga. Não porque lhe faltassem concorrentes. Eles eram tantos ou mais do que os dela. Mas porque, com o seu temperamento comedido, os mantinha a distância, não se prestando ao compromisso de lhes reservar a vez. Aceitava quem viesse mais depressa, daqueles que conhecia.

A orquestra começava a executar, agora, uma endiabrada conga. Filipe convidou a morena.

Logo que começaram a dança, os passos desencontraram-se. E, apesar dos esforços de ambos em os harmonizar, continuavam opostos.

— Não acertamos. O melhor é eu sentar-me. — Observou Marcela, rindo e fazendo menção de se desligar dele.

— Isso não. — Disse, apertando-a mais contra si. — E continuando: — Tanto temos de tentar que acabaremos por o conseguir.

— Duvido... Vou-lhe ser franca. Eu danço pouco. Não frequento bailes. Vim aqui, hoje, eventualmente, para acompanhar a minha amiga, assim como assisto a uma ou outra festa por acaso.

— Mas, por amor de Deus! Não se importe. Eu também não sou grande dançarino. Vamos a ver agora...

— Não há que ver... Continuamos desencontrados. Deixe-me ir sentar. Já se torna reparado.

— Não desanime. Há muitos pares que não harmonizam os passos, mas harmonizam os corações...

— Diga isso antes à minha amiga que ela

fica exultante. . . — objectou depois de soltar uma gargalhada em surdina.

— Mas eu de quem gosto é de você.

— Agradeço, mas não acredito.

— Não acreditará hoje. Porém, crer-me-á, mais tarde, quando me conhecer melhor e eu lhe der provas da minha sinceridade.

A orquestra executava os acordes finais da música, sem que eles conseguissem encontrar os passos. Mas os corações estavam já em começo de harmonização.

Quando chegaram à mesa das duas amigas, com o seu par, o advogado e o engenheiro ficaram surpresos ao verem sentados, na mesma, uma senhora e um cavalheiro. Julgavam que elas tinham vindo sóas ao Estoril.

Marcela, então, apresentou :

— O Sr. Dr. Jovial e o Sr. Engenheiro Vila Fria. Minha tia Angela.

Jovelina apresentou-os, por sua vez, ao desconhecido.

A senhora era a esposa do engenheiro Pousada, tio da morena, em casa de quem esta vivia.

Marcela Augusta de Vilarinho Pousada, filha de um remediado fazendeiro do Algarve, irmão daquele engenheiro, viera aos dez anos para Lisboa frequentar o Liceu e o Conservatório Nacional de Música. Mais tarde, matriculou-se na Faculdade de Letras, licenciando-se em Filologia Românica, aos 22 anos. Naquele dia tinha 24.

O cavalheiro era o Dr. Evaristo Caselas, médico e grande amigo daquelas famílias e maior admirador das duas raparigas.

Na dança imediata trocaram os pares. E na que se seguiu, o engenheiro tirou de novo a loira. O advogado convidou a morena:

— Vamos ver se acertamos nesta?...

— Sim... mas com uma condição. — Respondeu Marcela, sorridente.

— Não aceito condições. — Replicou, gra-  
cejando.

— Não sabe o que é. . .

— Diga, então.

— Danço, se cantar.

— Aqui, não, conforme disse, há pouco.  
Cantarei noutro lugar, só para você.

— Não. Quero já. — Retorqui a morena,  
imperativamente, julgando dominá-lo.

— Nesse caso, agradeço, mas desisto. —  
Concluiu Filipe, retirando-se, rapidamente.

Dados alguns passos, olhou para traz a  
ver se ela tinha cedido e lhe fazia sinal de  
se aproximar. Porém, ela já ia dançar com  
o médico. Desta forma, dirigiu-se a uma  
das mesas visinhas, a convidar outra rapa-  
riga.

A menina Pousada levantara-se, imedia-  
tamente, quando o Dr. Jovial se retirou,  
mas não a tempo de sustar a sua partida.

Marcela não deixava de fitar o advogado,  
vigiando-lhe todos os gestos, mordida de  
ciúme. Filipe, despreocupado, sem se

interessar ou fingindo desinteressar-se da morena, olhando-a, apenas, quando ela não o via, dançava cada vez mais chegado. Encostava, mesmo, de quando em quando, a face à do seu par. Esta atitude excitava até à labareda aquele sentimento.

Isto já era mais do que simpatia. Porque havia ciume. E assim como não há fumo sem fogo, também não existe ciume sem amor. Não importa o tempo que medeia da simpatia à afeição. Para se chegar ao amor, o tempo não é essencial, mas, sim, o ambiente onde se gera a simpatia e as condições que a excitam, desenvolvem e contrariam.

O acto do Dr. Jovial prescindir, inesperadamente, de dançar com Marcela, indo fazê-lo, logo, com outra rapariga, tinha deixado o peito daquela ofegante de palpitação. Filipe sabia, como ninguém, tirar partido de uma oportunidade. O segredo da sua facilidade em conquistar a mulher residia na renúncia daquilo que se lhe apresen-

tava difícil ou desdenhoso. A sua ousadia, sem par nem confronto, aliada a extrema força de vontade, decisão e perseverança, conferia-lhe elevado grau de ascendência na mulher mais resistível, ponderada e precavida. O importante era que ela simpatizasse com ele. Dada esta circunstância, o triunfo não tardaria. Sabia, como poucos, compreender, quando a mulher começa a gostar e a perturbar-se, e até que ponto, aproveitando essa oportunidade infalível para impor o seu domínio. Talvez que nem sempre soubesse, ou não quisesse, explorar a vitória, que, passado algum tempo, a mulher se refizesse da forçada renúncia, do apático abandono ao seu arrojado imperativo, mas o certo é que o primeiro instante, o momento propício, lhe pertencia. E, prevenindo a contingência de um insucesso, encontrava e dirigia, sempre, uma desculpa do seu atrevimento, imediatamente ao ele ser cometido, para dar o aspecto de a sua imprudência haver

sido praticada sem intenção, antes que a mulher se ressentisse e verberasse o seu procedimento.

Vários passos foram dados sem que o engenheiro dirigisse a palavra à loira. O retraimento e perturbação que o dominavam, sempre, em presença de um ser feminino, mormente se com ele fazia, ainda, cerimónia, tomavam-lhe a fala, durante algum tempo, a despeito das tentativas em a desprender rapidamente. Embargada, assim, a voz, as palavras faltavam-lhe e o assunto escasseava. Após grandes esforços em o encontrar, achou-o, por fim, no facto, referido por Marcela, de já ser falado entre esta e Jovelina, antes de se relacionar com elas.

— Estava longe de supor que já me conhecia de tradição.

— Sabia da sua pessoa, por intermédio da minha amiga que, por sua vez, como ela lhe disse, ouvia seu tio tecer-lhe encómios.

Nutre por você grande admiração, afirmando que é uma alta competência.

— Favorses por simpatia, apenas.

— Se não fosse um valor, ele não o consideraria dessa forma, porque é escasso em elogios. Tem algum outro projecto de vulto em estudo?

— Por acaso, estou com um entre mãos, que me consome a paciência. Passei quase toda a noite trabalhando nele, e, se o meu amigo Dr. Jovial não me fosse buscar ao hotel, lá me encontrava, a estas horas, com ele às voltas.

— Gostaria imenso de saber o que é.

— Tenho muita pena, mas não lho posso revelar. Desculpe. Por enquanto, é segredo.

— Pode dizer, porque guardarei o mais completo sigilo.

— Não me assiste o direito de duvidar. Porém, permita-me que lhe lembre depender da sua confiança o meu futuro. Só o meu amigo o sabe. A ninguém mais o

contei. Faço-o a você pela grande simpatia que me inspirou. Mas, rogo-lhe, não o transmita a outra pessoa, seja a quem for.

— Esteja descansado. Eu mesma já me sinto interessada no seu triunfo.

— Imensamente grato pelas suas palavras. Agora estou à vontade para lhe dizer que se trata de um projecto de avião.

— De avião?! . . . — Inquiriu Jovelina sem se conter em si de alegria. — Mas que bela coincidência! Eu adoro os aviões! Todo o meu ideal é o avião! Desde já lhe peço que me convide para o acompanhar, quando fizer a experiência.

— Isso, não. Na experiência, vão, apenas, os técnicos. Não que eu não tivesse grande prazer em levá-la comigo. Gosto da mulher arrojada. E você, além de outras, tem essa rara qualidade.

— Muito obrigada.

— Mas, compreende, experiência quer dizer incerteza na técnica. E pode haver deficiências que ocasionarão um desastre.

## CORAÇÕES EM BRASA

— Não importa. Antes quero morrer, caindo de um avião e na sua companhia, do que da cama a baixo e só...

— Gosta, assim, tanto do avião e ainda nem sequer o conhece...

— Eu já o vejo no seu perfil metálico, esbelto e formoso, a cintilar ao sol. Ai, quem me dera!...

— Sossegue. O mais que lhe posso fazer é comunicar-lhe e só a você, o dia e hora em que levantar vôo.

— Mas, então, não se esqueça de voar para mim...

— Voar para você, não. Para a ciência.

— ...?!

— Porém, com o pensamento em você...

— Ah, isso sim.

— Mas, não vale a pena estar com tantas conjecturas, se nem, ao menos, o projecto está concluído, e se não sei mesmo se o chegarei a terminar com êxito.

— Estou esperançada em que o conseguirá. Agora, inspirado nesta conversa,

mais do que nunca. Tê-lo-á amanhã pronto. Há-de ver.

— Vou fazer por isso. E Deus a oiça.

Com estas palavras, surgiram os últimos acordes da peça musical que se dançava, pelo que se dirigiram para o lugar. O engenheiro, depois de agradecer, retirou-se e foi ao encontro do amigo.

Jovelina observara que Filipe não havia dançado com Marcela, apesar de ele ter ficado, ainda, junto desta, quando foi tirada por Ludgero. Por isso, logo que o engenheiro se afastou, inquiriu da amiga, curiosa, o motivo porque ele não dançou com ela.

— Que se passou entre ti e o advogado que ele foi convidar outra rapariga? . . .

— Nada.

— Não, alguma coisa foi, porque competia-lhe levar-te, desta vez. Demais, estando ele ao pé de ti.

— Uma coisa simples, sem interesse.

— Mas, não se pode saber?

—Pode. Quando ele me convidou para dançar, eu disse-lhe, em brincadeira, que só o fazia se cantasse.

—E ele?...

—Abespinhou-se comigo, declarando que não aceitava condições e que, por esse motivo, desistia. E foi dançar com outra, não me dando tempo de mudar de atitude, que ainda cheguei a esboçar, levantando-me.

—Pois, claro. Fizeste mal. Ele é muito susceptível e, ao mesmo tempo, senhor de uma enorme força de vontade... Estás muito crua nisto de psicologia masculina. Em relação aos homens devemos proceder assim: primeiro obedecemos para, mais tarde, mandarmos quando os tivermos na mão...

—Parece-te... Há muitos que não vão com panos quentes... É preciso, para os dominarmos, aplicar-lhes, logo de entrada, um cáustico... —Retorquiu a morena.

—Isso era dantes. Agora, os tempos mu-

daram. Temos de nos colocar na frente deles... com olhares meigos e sorrisos encantadores...

— Na frente deles?!... Era o que faltava, andar o carro adiante dos bois... Faz lá tu como entenderes que eu procederei como me aprouver.

— Pois, veremos qual de nós leva a melhor. — Concluiu Jovelina.

Se bem que o Dr. Caselas pertencesse ao grupo das duas amigas e as acompanhasse, quase sempre, para toda a parte, as suas relações com qualquer delas não ultrapassavam os limites da amizade simples e desinteressada. Não haviam invadido, nunca, o campo da afeição.

Ele gostava muito da loira, mas não se atrevia a declarar-se-lhe. Tinha receio de que a sua ilusão se quebrasse numa possível negativa e, conseqüentemente, compromettesse a sua posição de médico e visita da casa. Além disso, temia que, pre-

ferindo-a, fosse melindrar a sua amiga e, igualmente, perdesse a estima da sua família. Vivia esperançado em que surgiria uma oportunidade de tentar esse passo. Também não desgostava da morena. Porém, numa e noutra, não passava, aparentemente, das amabilidades correntes. Era daquelles que não atam nem desatam.

Jovelina bem compreendia a sua intenção, mas diligenciava encontrar um homem que mais lhe agradasse. E os pretendentes não lhe faltavam. Pelo contrário, vinham aos pares.

Por um e outro motivos, Evaristo não via com bons olhos, embora o não manifestasse, aqueles dois intrusos que se haviam apossado, mal chegaram, das duas amigas. Desta forma, no fim da dança, quando conduziu Marcela ao seu lugar e logo que chegou a loira, dirigiu-se a esta, meio despeitado, dizendo:

— Parece que aquele mais alongado se interessa muito por você...

— Ora... Para que lhe havia de dar!...

— Mas você gosta dele.

— Não. Que ideia! É-me, apenas, simpático e amável, bem como o seu amigo.

— ... E esse entusiasmo que eu observei, quando andavam a dançar?...

— Ah, estava a falar-me de um assunto curioso de engenharia.

— Então, por onde tinha andado, doutor?— Perguntou a morena para mudar de assunto.— Havia quase uma hora que se ausentara...

— Nem fazia falta... — Respondeu o médico, com intenção, aproveitando a deixa.— Fui dar uma volta pelo casino.

Nesta ocasião, o advogado, que se tinha separado do engenheiro, passava, propositadamente, mas disfarçando, pela frente da mesa das duas amigas. Marcela fez-lhe sinal para se aproximar. E disse-lhe:

— Há pouco, houve uma grande confusão... Tanto que cheguei a levantar-me

para dançar, mas você, com a pressa, já não notou isso.

— Nada perdido . . . Posso dançar, agora, se quiser.

A orquestra começava a executar uma valsa lenta, melodiosa, triste e bem ritmada. Logo aos primeiros acordes, Filipe fez convite à morena, que aceitou, em amável sorriso, levantando-se, imediatamente. A loira foi tirada pelo médico.

O advogado, conservando uma expressão semi-fria, dançava sem proferir palavra. Marcela, vendo que o seu mutismo confirmava a indiferença manifestada na expressão fisionómica, apressou-se a encetar a conversa.

— Está zangado comigo?

— Se estivesse não a tinha convidado . . .

— Retirou-se, tão depressa, precisamente, quando eu ia a levantar-me . . .

— Talvez a sua memória falhe e queira dizer antes que se levantou quando viu que eu me retirava . . .

— Eu estava a brincar.

— Mas não mo disse. E eu gosto de situações claras. Detesto jogar às escondidas...

— Mas já passou tudo, não é verdade?

— Passou, porque você é a mulher mais encantadora que eu conheço.

— Agora, sou eu que me zango. Está a fazer pouco...

— Como, se assim é? Nunca vi beleza tão repleta de atractivos, tão fascinadora.

— Não terá dito o mesmo à minha amiga e a todas aquelas com quem dança?...

— Agora, ofende-me você. Julga-me capaz de gostar de todas?

— Eu sei lá... Na maior parte dos homens, o coração é um albergue... de mulheres.

— Mas isso é na maior parte, e eu pertenço à menor.

— ... E aquelas palavras que dirigia, há momentos, todo enlevado, ao seu par, também pertencem à menor parte?...

— Palavras leva-as o vento . . . Só o sentimento conta.

— É o que responderá às outras de mim.

— Não, de você é verdade. E agora pergunto eu: que lhe importa?

— Que me importa?! . . . Se diz daquelas palavras a todas as raparigas, não consigo que as diga a mim.

— Interessa-lhe, assim, tanto a minha pessoa?

— Talvez, um pouco. Não acha natural?

— Sim. E ainda bem, porque passarei a viver só para você.

— . . . Até encontrar outra que lhe agrade, também, se já a não tiver . . .

— Não. Serei, apenas, seu. Disponha, imediatamente, da minha pessoa.

— Conhece esta música? . . . — Perguntou Marcela aproveitando o oferecimento.

— Como não hei-de conhecer, se ela me pertence?

— Ah, é sua!? Nesse caso, mais uma razão para lhe pedir que a cante.

— Você tantas voltas deu que me apaixonou... — Respondeu, sentindo-se lisongeado.

— Deve ter prazer nisso...

— Sim. E queria ser-lhe agradável, mas, compreende, aqui, não.

— Tem de ser agora. Não me disse que dispuzesse já de você?

— Disse.

— Então, vá. Nem que seja a meia voz.

— Bem. Não há que fugir. Estou metido entre a espada e a parede... — Declarou Filipe, como que para si, começando a cantar, em seguida.

Mal entoou os primeiros compassos, embora o fizesse em surdina, ouviu os aplausos da loira que, com o seu par, passava junto dele. A estes seguiram-se os de outro par visinho, e os de outro, outro... e, acto contínuo, todos atiravam uma sarai-vada de palmas. Ao mesmo tempo, rodeavam-no, pedindo que cantasse mais alto e ao pé da música. Assediado pela

insistência dos circunstantes, e impellido por Marcela e Jovelina, que lhe agarraram no braço, não teve outro remédio senão repetir a canção, mas, agora, em voz alta e no estrado da orquestra.

No final, maior e mais demorada trovoada de aplausos atroou a sala. Depois de agradecer, ia a retirar-se, quando a loira lhe gritou que cantasse uma romança, no que foi seguida pela morena e depois por toda a assistência. Por este motivo, viu-se forçado a voltar para trás. Dirigindo-se à orquestra, pediu-lhe que tocasse a música escolhida. E, na previsão de novo bis, recomendou-lhe que, no fim, voltasse, logo, à música de dança.

Imediatamente à última nota da canção, sem mesmo esperar que fosse aplaudido, correu em direcção ao seu par, agradecendo de ali as intermináveis palmas dos presentes, cortadas pela execução, de novo, da sua valsa, que se apressou a seguir, dando os primeiros passos.

— Está satisfeita, agora?...

— Estou. Você canta, maravilhosamente.  
Só teve um defeito.

— Qual foi?

— Cantou pouco.

— Nunca se deve fazer completamente a vontade a ninguém. É preciso deixar, sempre, parte do desejo por satisfazer. Se assim não for, resulta, depois de tudo obtido, o desinteresse, o enjôo, como nas refeições em que se dá ao estômago tudo quanto pede.

— Eu jámais me fartaria de o ouvir cantar...

— Nesse caso, indique-me a sua morada que nos encontraremos mais vezes... Você é o meu ideal, a mulher que eu, toda a vida, sonhei.

— Você tem muitos ideais. Sonha com muitas mulheres ao mesmo tempo. — Afir-mou, estimulando a sua negativa.

— Não diga isso. Experimente e verá.

— É melhor não. As experiências de amor

dão, sempre, mau resultado. Não o conheço bem, ainda. — Respondeu, perturbada e ansiosa por dizer que sim.

— Sabe? Agora custa-me não a tornar a ver.

— Isso passa... Encontrar-nos-emos, qualquer dia. Este meio é tão pequeno...

Os últimos sons da música tinham-se esbatido na distância. Foi já ao pé do seu lugar que Marcela pronunciou estas derradeiras palavras, despedindo-se, por a tia, que havia regressado da mesa de suas amigas, com quem estivera a conversar durante a maior parte da tarde, se ter levantado para se irem embora.

O advogado seguiu-a, a pequena distância, até a porta do casino, demorando-se lá, enquanto o automóvel que a conduzia não foi posto em marcha. Depois da última reverência, voltou para o salão, a fim de continuar a dançar. Porém, não lhe saía da mente a sua aventura de amor, que, assim, tão repentinamente, havia ficado suspensa,

sem um dado, uma indicação, sequer, da residência da menina Pousada ou da sua vida, que o levasse a tentar encontrá-la.

Foi nesta preocupação e meditação, momentâneas, taciturno e cabisbaixo, encostado à outra pilastra do lado direito da orquestra, de olhos fitos na distância, no rastro da sua diva, que o engenheiro o viu, com grande espanto.

— Que te aconteceu, homem, para estares, assim, tão absorto?

— Nada...

— Nada, não! Só quem não conhece o teu temperamento alegre e despreocupado te poderá acreditar. Aí deve andar moira na costa...

— Acertaste. Estou apaixonado pela morena.

— Apaixonado!?!... Tu, que dizias ter um coração forte, que amavas todas e não amavas nenhuma, apaixonado, assim, de repente!

— Agora é certo.

— Mas se, também, repetias: «Havendo tanta mulher, para que há-de a gente entregar-se a uma só?»... Lembra-te de que são sete mulheres e meia para cada homem...

— Seja como for. Ela enfeitiçou-me. Vou segui-la.

— Não faças isso!... Quanto mais a zelares pior é... Se queres conquistar a mulher não lhe lighes importância...

— Falas bem... Mas, depois, não sei onde ela está.

— Nem precisas de saber. O destino, se quiser que tu a encontres, encarregar-se-á de te a trazer de novo. Animo! Foi para isto que me foste arrancar ao hotel? Bem dizia eu, quando entraste, que tínhamos conquista... Anda de aí. Vamos tomar qualquer coisa. «Tristezas não pagam dívidas»... — Concluiu, agarrando-lhe no braço.

Dirigiram-se para o bar.



### III

**M**ARCELA e Jovelina seguiram, no seu regresso a Lisboa, pela estrada marginal. Logo que o carro se pôs em andamento, a morena dirigiu a palavra à sua amiga.

— Uma grande tarde que acabo de passar no Casino. Há muito que não tive tanto prazer como hoje.

— Eu, também, não me lembro de me divertir assim.

— Ah, aquele rapaz advogado é admirável! Uma simpatia. Não imaginas como ele me lisongeou. — Continuou Marcela.

— Igualmente, a mim. Disse-me palavras muito galanteadoras.

— Comigo foi mais além. Declarou que nunca viu beleza tão fascinadora, que eu constituía perfeitamente o seu ideal. E acedeu ao meu pedido para mostrar a sua voz, como presenciaste.

— A mim disse-me que gostava imenso de dançar comigo, por eu ser alegre. E tendo-lhe eu frizado que, no fundo, também era romântica, ele respondeu apreciar muito os contrastes, uma alma sentimental numa janela aberta e florida... — Retorqui a loira.

— Deixa falar... Com o seu temperamento romântico, ele deve idealizar uma mulher do meu tipo. Quem está bem para ti é o engenheiro. Além de que este exaltou-me a tua beleza.

— Fê-lo a mim própria. E até me revelou o segredo de um projecto que tem em estudo, prometendo comunicar-me o dia da experiência.

— E o que é? — Perguntou a morena, curiosa.

— Não o posso dizer. Como declarei é um grande segredo.

— Bem sabes que eu guardo, sempre, sigilo do que me confias.

— Mas prometes-me que não o dizes a ninguém, seja a quem for?

— Está descansada.

— É o projecto de um avião. Como te tenho dito, eu adoro os aviões. — Revelou Jovelina.

— Mais uma razão para preferires o engenheiro.

— Ah, mas eu gosto mais do advogado. É de uma simpatia tão irradiante que encanta e seduz.

— E se ele não te quere?

— Ainda agora te referi que me declarou apreciar, muitíssimo, o meu temperamento alegre e dinâmico.

— Isso foi por delicadeza. Ele tem um feitio galanteador. — Insistiu Marcela.

— Então, o que te disse, igualmente o fez por gentileza.

— Ele, por enquanto, não se ocupa, nem de uma, nem de outra. Faz «flirt» com as duas. — Interveio a tia da morena.

— Ora aí está. A senhora é que acertou. — Acudiu Jovelina.

— Precisamente o que eu já havia pensado. Ele quer mas é divertir-se. — Acrescentou Marcela.

— E vós tende muito cuidadinho. Nada de aventuras... Não sabeis de quem se trata. Pode até ser casado. Há por aí muitos homens nesse estado que se entretêm a namorar as mulheres solteiras, de que resulta, às vezes, a desgraça delas e a do lar deles...

— Pela minha parte, não lhe ligo mais, sem, primeiro, saber quem ele é. — Declarou, prontamente, a loira.

— Eu, também não. — Afirmou a menina Pousada.

— Cá para mim, acho que o engenheiro inspira maior confiança. Tem um aspecto

muito fino, discreto e sério. — Concluiu a tia da morena.

O carro entrava nas primeiras ruas da Capital. Havendo necessidade de maior atenção de Jovelina, que empunhava o volante, dera-se por concluída a conversa.

Depois de levar Marcela a casa, à Avenida da República, a loira dirigiu-se para a sua morada, na Praceta João do Rio, ao Arieiro. Logo que entrou, foi ao seu quarto arranjar-se, seguindo, passados alguns minutos, para a sala de jantar, onde já encontrou os pais sentados à mesa.

O pai de Maria Jovelina, Anselmo Capota, era um homem de meia estatura, cabelo ruivo, olhos verdes, vivo, activo e trabalhador infatigável. De um dinamismo inexcedível, aspecto vigoroso e côm sãdia, dir-se-ia que estava longe dos seus 47 anos. Toda a sua esperança e entusiasmo na vida consistiam em triunfar pessoalmente e fazer progredir a sua arte. Pelo seu inusitado esforço, tenacidade e dotes de trabalho,

conseguiu passar, em poucos anos, de um simples mecânico a importante industrial de automóveis. Mas não estava satisfeito. Tinha a grande ambição de instalar em Portugal uma fábrica desses carros.

Aos 25 anos, constituiu um lar modesto, desposando uma formosa e azougada lisboeta, de cabelos e olhos castanhos claros, filha de uma família mediana.

A mulher do industrial também alimentava várias aspirações, sendo as mais importantes dar uma boa dona de casa, esposa exemplar e uma senhora de sociedade. E deu. Contando 39 anos de idade, parecia, ainda, uma rapariga. Por essa razão, evitava, sempre que podia, acompanhar a filha aos lugares mundanos.

Assim que ela chegou, apressou-se a perguntar:

— Então, que tal o casino? Estava animado?

— Animadíssimo. Não calcula.

— É para admirar, nesta época. .

— Não vês que, hoje, desabrochou, verdadeiramente, o primeiro dia fulgente da Primavera?! — Interveio o pai, falando para a esposa, com pretensão.

— Divertiste-te muito, nesse caso... — Continuou a mãe.

— Não podia ser mais.

— Imensos convites... — Insinuou o pai.

— Tantos, tantos, que não sabia para onde me virar. Foi preciso numerar os pretendentes até o décimo.

— Eia!... — Exclamou o pai.

— Não admira. Ela estava um primor, esta tarde. O vestido que estreou tornava-a singularmente encantadora.—Explicou a mãe.

... Mas agora reparo, tu não comes? — Interrogou o pai.

— Não me apetece.

— Sentes-te mal? Alguma corrente de ar que apanhaste. — Insinuou a mãe.

— Vocês não têm cuidado... Acabam de dançar e saem logo para a rua, sem arrefecer primeiro. — Concluiu o pai.

— Mas eu não estou doente. Apenas, um pouco fatigada. Se me dão licença, vou deitar-me.

Jovelina despediu-se dos pais e recolheu ao quarto, não lhe saindo da ideia a figura insinuante do advogado, que lhe havia tomado o coração. A circunstância de Marcela gostar, igualmente, dele, excitava ainda mais o seu interesse. Preocupada com esse facto, pensava em agir sem demora.

O empreendimento apresentava-se um pouco difícil, porque Filipe não se deixava prender, facilmente, e, além disso, mostrava, desde princípio, maior inclinação para a sua amiga. Porém, a loira prometia a si própria conquistá-lo, a todo o custo, recorrendo, para tal, ao poder da sua astúcia e ousadia.

Sentou-se no leito, meia despida, cogitando na maneira de conhecer a sua vida, os seus costumes, a fim de provocar um encontro, simulado de casual, com ele.

Como seu pai era industrial e comer-

ciante de automóveis, lembrou-se de utilizar o agente de vendas da casa, no sentido de obter as informações desejadas. Entretanto, ouviu passos no corredor. Presentindo que fosse a mãe a dirigir-se para o seu quarto, tratou, logo, de acabar de despir-se e meter-se na cama. Efectivamente, momentos depois, a mãe entrava com um termómetro na mão.

— Então, vais melhor ?

— Mas, não me doi coisa nenhuma...

— Põe o termómetro, anda. — Entregalho, passando-lhe a mão pela testa. — Tu estás quentíssima, sintoma de febre. Dá-me o pulso. — Conta as pulsações. — Tens, também, muita agitação. Urge atalhar a gripe, antes que ela se agrave.

— Isto não é nada, mamã.

— Tira o termómetro e deixa-te de tolices. — Após a verificação : — Eu bem disse. Acusa 37°,5 de temperatura ! Agasalha-te, com cuidado, que eu vou buscar um com-

· primido e um pouco de chá de limão, para tomares; amanhã, se não estiveres melhor, há-de se chamar o médico.—Disse ao mesmo tempo que lhe aconchegava a roupa.

#### IV

**M**ARCELA e Maria Jovelina eram amigas e companheiras inseparáveis. A despeito dos seus temperamentos nitidamente opostos, nunca o sol refulgente da sua amizade fora ofuscado pela mais pequena nuvem. O espírito calmo e contemporizador da morena tolerava bem o feitio alegre e irrequieto da loira.

A menina Capota era muito requestada pela sua riqueza e formosura. Porém, presentindo o interesse material da maioria dos seus pretendentes, e ciente da sua invulgar beleza, tornara-se cautelosa e exigente na escolha do futuro esposo. Falava com todos, não se deixando prender, verda-

deiramente, por nenhum. Todavia, o advogado tinha-lhe caído tanto em graça que facilmente lhe conquistou o coração.

Marcela não era menos cobiçada do que a sua amiga, porém, relativamente pobre, como se disse. Seu pai lutaria com algumas dificuldades para ocorrer às despesas da sua formatura, em Lisboa, se o irmão não lhe oferecesse a hospedagem da filha.

Se Filipe calara fundo no peito da loira, na morena havia exercido um tal poder, perturbara-a tanto, que a levava a passos largos para a fascinação.

Desde aquela tarde em que estiveram no casino do Estoril, a menina Pousada notava uma leve e mal disfarçada frieza nos modos de Jovelina. Dir-se-ia que o ciúme começava a minar a sua mútua estima.

A harmonia da amizade altera-se, sempre, mais ou menos profundamente, quando se coloca entre as pessoas que nutrem, com reciprocidade, esse sentimento, o mesmo

interesse, a mesma inclinação, o mesmo ideal.

A morena andava intrigada pela atitude da menina Capota. Have-la-ia ela assumido por causa do advogado? Pensava. Mas nada tinha com ele. É certo que lhe queria. Porém, fazia-o em silêncio, nunca o declarara a ninguém. Contudo, Jovelina presentia-o. A forma entusiastica e competidora como a menina Pousada se referira aos galanteios dele, quando regressavam do casino do Estoril, não oferecia dúvidas.

Por este motivo, a loira, a certa altura, resolveu não voltar a casa da amiga sem conseguir, primeiro, falar com o Dr. Jovial e obter a segurança da sua decisão por si. Pretendia, assim, levando a nova à rival, provocar-lhe desânimo e, conseqüentemente, a sua renúncia a ele.

Passadas cerca de duas semanas, o empregado de seu pai abordou-a, comunicando-lhe que já possuía as informações por

ela pedidas. Declarou que Filipe de Soutelo Jovial era, de facto, advogado, solteiro, livre e residia na Rua Rosa Araújo. Que, todos os dias, às 14 horas, aproximadamente, se dirigia de casa para o escritório, situado na Rua do Crucifixo, pela Avenida da Liberdade. Que gozava da maior consideração.

Jovelina ficou a trasbordar de alegria, não só pela obtenção rápida e precisa das informações que desejava colher, como, também, por elas satisfazerem em absoluto. Depois de despedir o seu zeloso informador, a quem agradeceu, muito reconhecidamente, começou a architectar o plano de se fazer encontrada com Filipe.

Desta forma, resolveu, num dos dias seguintes, aguardar, em qualquer pastelaria daquela artéria, a sua passagem.

## CORAÇÕES EM BRASA

\*

\*

\*

Desde que conheceu Marcela, o Dr. Jovial nunca deixou de a trazer no pensamento. Embora não fosse homem de se apaixonar facilmente, se bem que dotado de um temperamento sentimental e romântico, porque o seu espírito forte dominava-lhe o coração, o certo é que a sua beleza estonteante havia-o perturbado.

Preocupava-se, também, muito com Jovelina. Interessavam-lhe, quase por igual, as duas amigas, pela dificuldade de escolha entre os dois géneros. Se a beleza da morena se aproximava mais do seu ideal, lá estava a riqueza da loira a tentá-lo, compensando-o dessa diferença.

Nesta hesitação constante, nesta luta contínua entre o espírito e o coração, se consumiram, aproximadamente, quinze dias.

Pensava agora em casar, em vista da sua adolescência já madura, dos seus 29 anos bem adiantados, aproveitando a oportunidade, que se lhe oferecia, de ser amado por duas formosuras. Porém, opunha-se-lhe o facto de ignorar onde as encontraria. Nem, tão-pouco, tinha ocasião de as procurar.

Num dos primeiros dias de Maio, descendo, após o almoço, a Avenida da Liberdade, a pensar na morena, viu a loira sair de uma das pastelarias que lhe ficavam no caminho e seguir na mesma direcção que ele levava. Estugou o passo, caminhou algum tempo a seu lado, sem nada lhe dizer, esperando que ela o visse.

Jovelina, que propositadamente o precedera, passados alguns momentos, olhou-o, simulando ficar surpreendida.

— Olá!... Bons olhos o vejam!... —  
Exclamou.

— Isso digo eu.

— Nunca mais deu sinal de si...

## CORAÇÕES EM BRASA

— Como havia de a procurar, se não me facilitou a morada?

— Sempre pensei que me seguisse...

— Não segui, porque já não fui a tempo.

— Ou que voltasse ao Estoril.

— E voltei, oito dias depois, mas não estava.

— Não pude ir. Porém, apareci lá, no domingo imediato.

— Nesse faltei eu, por julgar que você não fosse, como tinha acontecido no domingo anterior. Acompanhou-a, outra vez, a sua amiga?

— Não. Fui com minha mãe. Parece que se interessa muito pela minha amiga!... — Apenas, uma questão de curiosidade.

— Duvido... Você inclina-se mais para ela.

— Engana-se... É precisamente o contrário.

— Vocês os homens...

— Tem alguma coisa a dizer contra os homens?...

— Eu, não. Mas amam, sempre, mais a mulher que têm na sua frente...

— Não são todos iguais... Sempre gostei de uma rapariga azougada e moderna.

— Não sei se me está a falar verdade.

— Verá.

— Não me esqueceu, então? Não eram simples galanteios as palavras que me dirigiu, ao dançar, no Estoril?

— Evidentemente que não. Tenho pensado muito em você. E andava, até, ansioso por a encontrar. Não sairá de aqui sem me dar a direcção.

— Actualmente, estou a passar uns dias fora de Lisboa.

— Onde?

— Numa quinta dos arredores de Sintra.

— E a sua residência em Lisboa?

— Quando eu voltar, dir-lha-ei...

— Porque não a diz já?

— Por enquanto é cedo. — Respondeu Jovelina, evasivamente, para pôr à prova o seu interesse por si.

— Desta forma, depois do que lhe afirmei, resta-me desistir.

— Não é caso para isso. Eu acredito na sua amizade. Mas, compreende, receio. . . Não o conheço bem ainda. Preciso de pensar.

— Mas, assim, perdê-la-ei de vista, outra vez.

— Já tem elementos para saber de mim. Além de que, qualquer dia, tornar-nos-emos a encontrar. Eu venho à Baixa, frequentemente, de tarde. Agora vou por aqui. Adeus. — Interrompeu, de propósito, a conversa, fazendo-se rogada e estendendo-lhe a mão, ao chegar em frente do «Avenida Palace», com o pretexto de atravessar a Rua 1.º de Dezembro, aproveitando a indicação de livre trânsito do sinaleiro.

O advogado seguiu o seu caminho para o escritório.

\*

\*        \*

Maria Jovelina ficou em plena exultação por ter conseguido realizar o seu plano e por o advogado corresponder ao anseio dela. E não podendo calar o seu contentamento, tomou, imediatamente, o auto-carro, na Praça dos Restauradores, indo direitinha a casa da amiga contar-lhe o sucedido.

Assim que entrou, atirou-lhe a seguinte frase:

— Sabes quem eu encontrei, hoje?...

— Não faço ideia... — Respondeu a morena, suspeitando quem fosse.

— O Dr. Jovial.

Marcela recebeu esta nova como uma punhalada no peito. Pensara que o advogado a tivesse seguido, no seu regresso do Casino do Estoril, para obter a sua direcção. Esperava, portanto, que ele se lhe declarasse por escrito. Dissimulou, contu-

do, o choque recebido, dispondo-se a ouvi-la, com afável curiosidade, como se nada se houvesse passado no seu íntimo, e interrogou:

— Onde o viste?

— Na Avenida da Liberdade.

— Tem graça! Passo lá, quase todos os dias e ainda o não encontrei.

— Uma questão de acaso...

— Perguntou por mim?

— Não... Fez-me muita festa e mostrou, nas suas afirmações, estar decidido pela minha pessoa. Precisava, agora, que tu, como amiga sincera, me desses a tua opinião.

Estas palavras feriram o peito da morena, como nova e mais profunda punhalada. Saber que Filipe se inclinava para ela, ter por ele já um certo affecto, e ver-se obrigada a conceder-lhe o seu parecer imparcial de amiga era calcar o próprio coração.

— Procede como entenderes. — Declarou Marcela, não querendo animá-la, mas,

também, não desejando, na qualidade de amiga leal, dar-lhe um mau conselho.

— Assim, não me satisfaz. Pretendia que emitisses a tua opinião sobre este passo. Tu conhece-lo tão bem como eu, já viste o seu temperamento, o seu fácil entusiasmo e, por isso, podes exprimir o teu modo de ver no assunto. Mas desinteressado. Preciso que me proves agora a tua amizade.

— Pois bem. Vou ser-te franca. Esse homem não é o que convém à tua índole. Há-de trazer a tua desgraça.

Estas palavras apagaram, repentinamente, a alegria de Jovelina. Foi como se lançasse um balde de água fria em crepitante labareda.

— Mas porquê?

— Porque ele não casa contigo.

— Não compreendo em que te fundas para dizeres isso.

— Não vês o seu todo leviano? Fala assim a todas as mulheres. Declarou-se a

ti como poderia tê-lo feito a mim e como o fará, amanhã, a outra.

— Não importa... Gosto dele. Seja o que Deus quiser.

— Agora é contigo. Quis, apenas, salvar a minha responsabilidade. Não fosses, mais tarde, atirar-me para a cara a culpa da tua desventura.

— Agradeço os teus conselhos que julgo sinceros. Porém, nestas coisas de amor, e em tudo na vida, acho que deve haver um pouco de aventura. Além disso, tenho muito tempo de o estudar.

— É difícil de estudar um homem do seu temperamento.

— Não sejas assim tão pessimista. Filipe parece bom rapaz. E se não for logo se vê. Se existem defeitos que se agravam com o casamento, outros atenuam-se ou desaparecem, mesmo, com ele. Uma questão de sorte. O nosso destino está marcado. De nada vale tentar fugir-lhe. Se houver de ser mau, por mais voltas que dermos,

não nos furtaremos à infelicidade. E, neste caso, o divórcio para alguma coisa se criou.

— Cala-te, mulher! Então, tu, já vais para o casamento com a ideia na separação?! Tens um pensar demasiadamente moderno. O divórcio deve encarar-se como uma tábua de salvação, a que se recorre em naufrágio de amor. E não atirar-se uma pessoa, de olhos fechados, para o matrimónio, levando-a já na mão, porque, assim, o naufrágio é quase certo.

— Não quero saber. Amor, sem aventura, é como o dia sem sol ou como a sopa sem sal, não brilha, nem sabe a nada. O amor, verdadeiramente amor, é forte, cheio de arrebatamentos e de contrastes,—de doçura e amargor, de sorrisos e lágrimas, de suavidade e sofrimento!...

— Terás muita razão. Porém, eu insisto: ele há-de ser a tua ruína.

— Nesse caso, negavas-lhe aceitação se ele se te declarasse?...

— Isso não é pergunta que se faça. Eu queria lá, porventura, esse doido!...— Respondeu a morena em gesto de irritação, convencida do que afirmava.

— Cá registo as tuas palavras... Adeus.  
— Concluiu Jovelina, levantando-se, nervosa e bruscamente, e encaminhando-se para a porta.



O Dr. Jovial ficara aborrecido, não só por Jovelina se despedir de forma repentina e desinteressada, como, também, por não lhe haver dado a sua direcção de Lisboa. E se antes de a encontrar ia com a ideia na sua amiga, agora, por esses motivos, o seu pensamento fixava-se, cada vez mais, nela.

E começou a planear a melhor maneira de a ver. Mas os dias iam decorrendo e não o conseguia. Tornava-se-lhe difícil, porque não dispunha de um dado, sequer, para realizar o seu desejo. Só por acaso, o o que poderia não acontecer nos meses próximos. Por isso, andava preocupado.

Decorrida uma semana, soube, com imenso regosijo, por intermédio de uma antiga colega de Marcela, que esta costumava ir tomar chá, às quintas-feiras, a uma determinada casa do género, na rua do Ouro.

Na primeira quinta-feira que se seguiu, dirigiu-se, então, à pastelaria indicada. Tendo avistado a morena, logo à entrada, abeirou-se da sua mesa, pressuroso, em plena satisfação, cumprimentando-a atenciosamente e solicitando-lhe licença para se sentar.

A menina Pousada esboçou um leve gesto de assentimento, demonstrando, na sua frieza, haver aquiescido ao seu pedido, mais por urbanidade do que por prazer.

Seguro dessa atitude indiferente, que atribuiu ao provável conhecimento da sua conversa com a loira, tentou demovê-la da má vontade, lisongeando-a.

— Grande prazer em encontrá-la. Ardia, já, em mim, uma ânsia enorme de a ver. E receava, ao mesmo tempo, que nunca mais

o conseguisse. Que tem feito para andar, assim, tão arredia?!

— Tenho trabalhado. Ou julgava-me à boa vida?

— Em quê, se não sou indiscreto? É empregada?

— Lecciono latim, grego e música. — Respondeu, intencionalmente.

— Perdão!... Sabe? Agora, depois do que lhe ouvi, acho-a, ainda, mais bela. Formosa do físico e do espírito.

— Esquece-se de que está a falar comigo...

— Por isso mesmo. Se fosse com outra, não lhe dizia estas palavras.

— Não dizia?... Mas dirigiu-as, há dias, à minha amiga.

— À sua amiga!?

— Sim, sim. Não se faça desentendido. Contou-me ela própria, em minha casa, nessa mesma tarde do vosso encontro na Avenida da Liberdade, as palavras de amor que você lhe dedicou. Portanto, nada tem que galantear-me. — Decidiu Marcela para

levá-lo à defesa, desmentindo o que Jovelina lhe afirmara, e não para o despedir.

Ele achou graça à investida, que mostrava grande interesse por si, sorrindo-se, indecisamente, como quem não se acha com inteira culpa, mas se sente desarmado. E em sinal de protesto por ela o condenar, sem ouvir as suas razões, resolveu retirar-se, imediatamente.

— Não vale a pena discutir. Um dia, este assunto há-de aclarar-se. Verá, então, que não estou tão culpado, como julga. Adeus. — Concluíu, levantando-se e apertando, intencionalmente, a mão dela, para demonstrar que continuava a querer-lhe, apesar de tudo.

— Mas, se assim é, diga já... — Objectou a morena, receosa.

— Agora, não. Estão à minha espera. O número do seu telefone consta da lista, não é verdade? Adeus.—E encaminhou-se para a porta.

Marcela, depois de Filipe sair, ficou pensativa e desgostosa consigo mesma, por não ter procurado esclarecer, calmamente, a conversa dele com a loira, antes de lhe atribuir a culpa, o que evitaria a sua partida brusca.

Reconhecia, agora, que fora precipitada e um pouco severa. O Dr. Jovial era dotado de uma grande susceptibilidade. Em qualquer outro homem as suas palavras provocariam, apenas, um leve ritus amargo, na pior das hipóteses. Porém, nele, dada a sua estrutura nervosa, assás vibrátil, originariam, indubitavelmente, um incidente desagradável. Tanto mais que Jovelina podia não haver sido absolutamente verdadeira nas suas declarações. Talvez ela as exagerasse, levada por um sentimento de rivalidade, com o fim de lhe demonstrar que já o namorava, insinuando-lhe, assim, a desistência.

Desta forma, — continuava a considerar, — não devia ter feito o juízo definitivo só

pela afirmação da menina Capota, uma das partes em causa. Demais, desejando atraí-lo, porque o amava. Mas a morena era muito simples e de excessiva boa fé. Acreditava, por isso, demasiadamente, nas suas amigas, julgando-as sinceras como ela, sem atentar em que a rivalidade leva certas pessoas a dizer aquilo que não sentem, para influir numa decisão a favor dos seus interesses.

Nos dias que se seguiram, continuou cada vez mais contrafeita e apreensiva por causa da sua precipitação que teria arrependido, talvez para sempre, o amor nascente do advogado. E ao passo que profundava o assunto, sentia germinar a ideia, avolumada, momento a momento, de emendar a mão. Queria, assim, tentar reacender no peito de Filipe qualquer ponto ígneo que porventura ainda restasse.

Para tal era necessário tomar ela a iniciativa de lhe falar, o que muito a contrariava por essa atitude e o seu temperamento

colidirem. Porém, a sua afeição pelo Dr. Jovial e ainda mais o receio de que deste incidente acabasse por aproveitar a sua amiga, a quem, de certo, ele se dedicaria, agora, exclusivamente, acendiam-lhe o fogo do ciúme. E este sentimento exercia maior influência nela do que todos os seus ancestrais preconceitos.

Como o advogado demorasse o telefonema e esse facto lhe causasse apreensões, resolveu antecipar-se, visto chegar à conclusão de que, quando há necessidade de debelar um grande mal, tem de por-se de parte certos e exagerados escrúpulos.

Foi este o veredictum que lavrou sobre o pleito entre o espírito e o coração. Porque convenceu-se não ficar a sua dignidade maculada pelo facto de se dirigir, de voto próprio, ao homem que maior lugar ocupava na sua alma.

Enquanto Marcela assim raciocinava, Filipe curtia a sua máguia pelo que se pas-

sara. Tê-la, expressamente, procurado, a fim de lhe dizer da sua inclinação para ela, e ser recebido daquela forma constituía motivo de considerável ofensa. Se naquele dia ou nos que se lhe sucederam encontrasse a sua amiga decidir-se-ia, definitivamente, por ela.

Mas a loira não apparecera. Ele ignorava a sua morada, em Lisboa, e não dispunha de tempo para a procurar em Sintra. Resolveu, portanto, abandonar-se ao destino, até pensar melhor no caminho a seguir. Tanto mais que, no decorrer dos dias, se ia diluindo o ressentimento pela morena e lhe voltava, ao mesmo tempo, a saudade de a ver.

Além disso, admitia que a menina Pousada houvesse reconsiderado na sua attitude e se apresentasse a repará-la, apesar do seu modo de pensar obsoleto. Recordava, agora, que ela pareceu esboçar disposição nesse sentido, ao proferir as últimas palavras, na despedida.

## CORAÇÕES EM BRASA

Se bem o pensava, bem acontecia. Pas-sada uma semana, entregando-se o Dr. Jovial, no seu escritório, de tarde, ao minu-cioso estudo de um processo de divórcio, retiniu a campainha do telefone.

— Está lá?

— Está. Quem fala?

— De aqui, o Dr. Jovial. E de aí?

— Não adivinha quem é?...

— Não. Não faço ideia... — Respondeu o advogado, dissimulando.

— Marcela.

— Olá! Como tem passado?

— Bem, obrigada. E você? Melhor, ou, ainda, muito zangado?

— Eu não me zanguiei.

— Você saiu tão repentinamente...

— Pois você despediu-me... E até foi bom, porque eu estava com pressa. Por isso, lhe disse não poder dar-lhe mais explicações.

— Então, dê-as, agora.

— Pelo telefone? Não acho conveniente.

Precisamos de nos encontrar em qualquer parte.

— Onde?

— Onde quiser.

— Isso é um pouco difícil. Penso que não fica bem eu marcar entrevistas a cavalheiros.

— Por amor de Deus! Não me julgue assim. Pretendo, apenas, que falemos mais directa e compreensivamente, condições que o telefone não comporta. Mas já que você tem tanta relutância nisso, faço-lhe a vontade. Porém, não a poderei informar do que deseja e de outras coisas que, certamente, gostaria de ouvir...

— Bem. Eu costumo passar, às quintas-feiras, na Rua Augusta, por volta das dezasseis horas.

Na quinta-feira que se seguiu, lá estava, alguns minutos antes da hora combinada, o Dr. Jovial, na Rua Augusta, junto de uma importante casa de modas.

Às dezasseis horas e trinta minutos, começava a impacientar-se, porque a morena, ainda, não havia chegado. Ocorria-lhe, então, a circunstância provável de ela ter resolvido, após o telefonema, fazê-lo esperar, em vão, nessa rua, numa ou duas quintas-feiras, desviando-se propositadamente do seu habitual rumo. Talvez quisesse experimentar a sua perseverança, tornando-se rogada, e criar-lhe, ao mesmo tempo, maior ansia de a ver. Sabia quanto a mulher se sacrifica, às vezes, furtando-se à presença do homem que tanto adora, a fim de lhe despertar amor igual ou ainda maior.

Para o ajudar a suportar essa dúvida que já sobremaneira o preocupava e lhe fazia sobressaltar o coração, recorreu ao cigarro, amigo infalível das horas agrestes.

Quando, depois de o acender, levantou de novo os olhos, viu, na sua frente, sorrindo, Marcela que chegara momentos antes, mas nada havia dito, para lhe causar surpresa.

— Boa tarde... — Cumprimentou a morena.

— Oh! Como está? Até que enfim... Já não a esperava. — Disse, abandonando, como um autómato, a posição de à-vontade.

— É, assim, tão desanimado?

— Não. Pelo contrário, persistente. Se o não fosse já me teria ido embora. Mas prometeu-me que passava às 16 horas e são quase dezassete...

— Demorei-me numas compras além do que eu pensava. Demais, uma senhora de bom tom faz-se esperar, sempre, pelo menos, meia hora... — Declarou Marcela, desculpando-se e, depois, gracejando.

E seguiram pela rua adiante, ao acaso, conversando tão animadamente que chegaram, sem dar por isso, ao cais, no Terreiro do Paço.

— Conte, aqui, agora, aquilo que não julgava conveniente dizer pelo telefone. — Solicitou a menina Pousada.

— Queria explicar-lhe que, de facto, falei com a sua amiga, na Avenida da Liberdade, no dia por você referido. Porém, não suponha que marquei esse encontro. Apareceu-me, casualmente, a meu lado. E não podia eximir-me de lhe falar.

— Mas, não é verdade haver-se declarado a ela?

— Evidentemente que não. Trocámos, apenas, palavras amáveis. Despediu-se, até, repentinamente, sob o pretexto de mudar de rumo. Não porque ela o não mereça. É, também, uma rapariga interessante. Já vê que tinha razão em dizer-lhe não estar tão culpado como você julgava.

— Ah, mas gosta dela.

— É um tipo de mulher loira, igualmente, insinuante. Mas eu prefiro o género moreno. Portanto, a minha escolha já estava feita, nessa altura...

— E pode revelar-me qual é?

— Sim, com muito prazer... Porém, hoje, não. Você declarou-me que não se queria

demorar, e eu preciso, também, de me ir embora, porque tenho um trabalho marcado para as 17,30 horas. Este assunto deve ser tratado com vagar. Diga-me quando nos tornaremos a ver.

— Isso não sei. É, ainda, um caso para pensar. Eu telefono-lhe, depois. Adeus.

— Adeus, até sempre. Nunca nos havemos de esquecer!... — Respondeu Filipe, apertando e segurando, intencionalmente, a mão que Marcela lhe estendeu.

— Pela minha parte, não. Agora você... Será como todos os homens. — Afirmou, comovida.

— Pois bem: para você serei diferente de todos. Verá. Adeus. — Afastaram-se.

## VI

**E**M casa do tio de Marcela, engenheiro António Henrique Pousada, era costume antigo festejar o dia do seu santo onomástico. Para essa reunião, ele, apenas, convidava as pessoas de família e as de relações mais íntimas.

Todavia, quando se chegou à ocasião de dirigir os convites para o sarau, o engenheiro Pousada disse à sobrinha que tencionava incluir no número deles o engenheiro Ludgero Vila Fria. Não só o fazia por o conhecer pessoalmente, através dos seus importantes projectos e realizações, e ter muita honra em o receber na sua casa, nesse dia, mas, também, pelas excelentes

impressões que deixou no espírito da esposa, naquela tarde, no Estoril.

Marcela ficou satisfeitíssima com essa resolução, como era de esperar, e muito mais no momento de a tia sugerir que se convidasse, igualmente, o Dr. Jovial, intimo amigo do engenheiro Vila Fria, e por intermédio deste.

Assim que pôde estar só, o seu primeiro acto foi telefonar a Filipe, contando-lhe o que se passara com o tio.

Quando o engenheiro e o advogado chegaram a casa da família Pousada, pelas 22,30 horas, já o baile havia começado. As duas amigas estavam apreensivas com a sua demora, receando que eles não viessem, por qualquer motivo imprevisto, surgido à última hora. Mesmo a dançar, dirigiam, a cada passo, os olhos para a entrada, pensando que os iriam ver surgir.

Por fim, a campainha retiniu. Mal a ouviram, Marcela e Jovelina correram para a

porta, quase se acotovelando, na preocupação, cada qual, de chegar primeiro.

Efectivamente, eram eles. A morena apressou-se a tomar o braço esquerdo de Filipe. A loira, por sua vez, tomou-lhe o braço direito, como reclamando-o, também, e, quase simultaneamente, o braço esquerdo de Ludgero, para não o deixar abandonado, ficando, assim, no meio deles.

Acto contínuo, seguiram, pelo corredor, passando em frente da sala de baile, para a de fumo.

Lá se encontrava o dono da casa, homem de meia idade, alto, magro, aprumado, trigueiro, de olhar faiscante e de aspecto grave e sóbrio. Sentado ao lado, conversava com ele o pai de Jovelina, que o leitor já conhece.

Logo que avistaram as duas amigas, acompanhando os seus convidados, levantaram-se para os receber. A menina Pouzada, ao chegar junto deles, disse:

— Cá trazemos os nossos convidados: o

Sr. Dr. Jovial, advogado, de quem lhe temos falado. O meu tio, engenheiro Pousada.

— Folgo imenso em conhecê-lo e em recebê-lo na minha casa. — Declarou o tio de Marcela.

— Muita honra em lhe ser apresentado. E estou-lhe sobremaneira grato pela gentileza do convite.

— Nada, absolutamente. O prazer é todo meu. — Retorqui o dono da casa. E estendendo a mão ao engenheiro Vila Fria: — Nós já nos conhecemos. Como tem passado?

— Bem, muito obrigado. E V. Ex.<sup>a</sup>?

— Menos mal. Vai-se andando com a idade...

— Apresento-lhe os meus melhores agradecimentos pela amável lembrança de me convidar para esta festa.

— Agradeçam aqui a esta menina... — Disse o tio da morena, indicando a sobrinha, que sorri, algo envergonhada.

— Meu pai... — Declarou a menina Capota, apresentando os dois amigos.

— Queiram sentar-se.— Convidou o dono da casa, apontando as poltronas.

Mal tinha acabado de pronunciar esta frase, ouviu-se música. E logo a menina Pousada interveio, agarrando no braço de Filipe:

— Não, tio! Agora vamos dançar.

A loira fez o mesmo gesto a Ludgero e seguiu a morena para a sala de baile.

Marcela ocultara a Jovelina as suas entrevistas com o advogado, antes e depois do encontro na rua Augusta. Não só receava nova reviravolta no coração deste, mas, também, que a sua amiga redobrasse a tentativa de apossar-se definitivamente dele, movida pelo ciúme. Havia resolvido guardá-las, pelo menos, enquanto aquele amor não estivesse bem cimentado.

Por isso, a menina Capota ficou muito surpreendida ao ver a atitude decidida e confiada da morena, junto do Dr. Jovial,

desde que ele chegou, como sendo verdadeiros namorados.

Desta forma, decidiu, acto contínuo, levada pelo despeito, procurar atrair a si o engenheiro, no intuito de mostrar à rival que não precisava do advogado para nada.

Logo que elas foram dançar, o engenheiro Pousada exclamou, dirigindo-se ao industrial:

— Estas raparigas de hoje são o demónio! Assim que ouvem a música, voam, imediatamente... Só pensam na dança.

— Nem todas. Se eu lhe disser que a minha filha, essa cabecinha doida que aí vê, trabalha tanto como dois vulgares guarda-livros, você pasma.

— A minha sobrinha não lhe fica atrás... Possui os cursos superiores, de letras, com dezassete valores, e de piano, com dezanove! Ambos tirados, simultaneamente.

— Mas já os concluiu. Agora...

— Concluiu. Mas que pensa? Não os tem

só por ornamento. Agora lecciona essas especialidades cinco horas por dia e, ainda, ajuda a tia no arranjo da casa, de forma a conservá-la, sempre, numa perfeição.

— Isso de leccionamento não dá nada, hoje.

— Você é daqueles que só vivem da matéria e para a matéria. . . O espírito nada importa. — Replicou o engenheiro Pousada, caminhando para a janela e encostando-se ao peitoril desta.

— Meu caro engenheiro! Mal me parece dizê-lo, porque estou na frente dum técnico. Mas todas essas coisas de espírito não passam de quimeras.

— Quimeras, não! Porque o espírito não é imaginário. Existe. Quem preside à matéria? O espírito. Quem trabalha a matéria? O espírito. Quem cria as teorias, quem faz os cálculos, quem estabelece as dosagens, sobre o emprego e resistência dos vários materiais e das peças dos diversos maquinismos? . . . O espírito, sempre o es-

pírito. Sem ele, não haveria ciência, e sem os tratados que ele criou, não veria você montada a sua oficina e o seu «stand» de automóveis...

A entrada do Dr. Caselas suspendeu a conversa.

— Então, Doutor, não dança? — Interrogou o dono da casa.

— Com quem? — Respondeu Evaristo.

— Ele deixa-as fugir, todas... — Motejou o industrial.

— Que vergonha, Doutor! Quando eu tinha a sua idade, não me escapava nenhuma.

— Isso era no seu tempo, Sr. Engenheiro, em que as raparigas respeitavam as formalidades da boa sociedade. — Disse, lamentando-se.

— Devemos acompanhar o progresso... — Interveio o industrial.

— Ah, o progresso é a má educação?!...

— Lembro-lhe, doutor, que a minha so-

brinha tirou dois cursos superiores . . . —  
Observou o engenheiro.

— Eu não aludi à Marcela.

— Então, fê-lo à minha filha. — Acudiu o industrial.

— Também não. Falava de todas em geral.

— Se falava de todas a culpa é sua. Algum defeito lhe acham. — Concluiu o dono da casa.

O diálogo foi interrompido com o regresso dos dois pares.

Jovelina, vendo que eles se calaram, repentinamente, suspeitou que a conversa se referia a si e à sua amiga e, por isso, observou-lhes, sorridentemente:

— Estavam a falar de nós . . . Certamente, a criticar-nos.

— Isso mesmo. — Respondeu o dono da casa, dissimulando.

— Pois, claro! Vocês trazem-nos dois amigos e, mal são apresentados, levam-nos logo! . . . — Acrescentou o pai da loira.

— Não tivemos culpa. A música foi que nos arrastou...— Retorquiu a morena, graçeando.

— Mas, nada de afligir, porque os restituímos, agora.—Interveio a menina Capota.

— Bem. Vão lá... Estão entregues.— Declarou o tio de Marcela.

— Não. Nós ficamos, se nos dão licença. Também nos interessam assuntos intelectuais e técnicos...— Acudiu a menina Pousada.

— Bravo! Gosto disso!— Aplaudiu o industrial, entusiasmado.

— É modernismo...— Acrescentou o engenheiro Pousada.

Não caindo bem no espírito do médico o interesse dispensado, por todos, a Filipe e a Ludgero, que ele não tolerava, havia-se retirado, à sucapa.

— Como vão essas electrizações, engenheiro?... Perguntou o dono da casa.

— Oh, electrizações! Ainda aí vai... Ele está a projectar um motor de...— Excla-

mou Jovelina, inadvertidamente, dando uma palmada na boca, ao ver o olhar severo do engenheiro Vila Fria, recriminando-a por ela revelar o segredo que lhe confiara.

— Senhor Capota! Gosto da sua filha, porque é inteligente e espirituosa. Eu a fazer agora um motor!...—Emendou Ludgero, tentando disfarçar a meia revelação da loira.

— V. Ex.<sup>a</sup> pensa como eu, Sr. Engenheiro! O motor nesta vida é tudo. — Respondeu, com entusiasmo, o industrial, pondo-lhe a mão no ombro.

— Perdão! Tudo na vida, é o direito, a justiça. — Interveio o advogado.

— E a música, a poesia... — Acrescentou Marcela.

— E a bondade, o amor... — Somou Jovelina.

— Ora, ora... Fantasias e mais fantasias... Só o motor se impõe. E, também, tem música, também canta: trra... ta... ta... ta... ta... ta... ta... ta... ta... — Re-

darguíu o industrial, imitando o ritmo do motor.

—Deixe lá essa música atroadora do motor, homem! Hoje, é a electricidade que domina. Sem ela nada se faz. — Contrariou o dono da casa.

—Qual quê?!... Quem gera a electricidade, senão o motor?

— Isso foi antigamente. Agora, o que a produz é a hulha branca, as quedas de água.

— V. Ex.<sup>a</sup> terá muita razão. Mas, quem impulsiona os automóveis? E mais: os aviões? São as quedas de água?...

— Que estão vocês aqui a fazer?!... — Perguntou a tia de Marcela, assomando à porta, acompanhada da mãe de Jovelina.

— A discutir assuntos de grande transcendência. — Respondeu a loira, gracejando, com enfase.

— Deixem-se lá disso. Hoje é dia de festa nesta casa. Vá, toda a gente dança. — Sentenciou, ao ouvir a música.

— Diz V. Ex.<sup>a</sup> muito bem. Por mim,

desde já, tenho a honra de a convidar. — Declarou o industrial, dirigindo-se à dona da casa.

O engenheiro Pousada procedeu, imediatamente, de igual forma, em relação à senhora Capota. E os quatro pares encaminharam-se, a dançar, para a sala de baile, onde foram recebidos com grandes ovações.

Dada a meia noite, a senhora Pousada, que se retirara alguns minutos antes, voltou, anunciando:

— Senhoras e senhores, a ceia espera-vos.

A passagem dos convidados para a sala de jantar constituiu um verdadeiro assalto, desordenado e gracioso. Os convivas tomaram lugar, indistintamente, em volta da mesa.

Estabeleceu-se, em seguida, um silêncio profundo, apenas, entrecortado pelo mandibular dos assistentes. As iguarias mais finas sumiram-se como por encanto. Os vinhos de mesa e os espirituosos começavam

a animar a assistência. Mas o entusiasmo só atingiu, realmente, o auge com o estrepitar de uma garrafa de «Champagne», aberta pelo dono da casa. A esta succedeu-se outra, outra e outra. . . Já nada se entendia. Ouvia-se, apenas, um vozear, desconexo e ensurdecador, de falas que se entrechocam, num cruzamento constante de palavras, num baralhar contínuo de ideias.

O silêncio foi, prontamente, restabelecido no momento em que o Dr. Jovial levantou a taça.

— Ex.<sup>mos</sup> donos da casa. Minhas senhoras e meus senhores :

Falou-se, há pouco, num dos sectores desta festa, em acalorada controversia, do motor e da electricidade, defendendo cada pleiteante, com ardor, o seu pensamento.

Ora, eu apraz-me declarar, aqui, nesta sessão solene de comedorias e bebedorias, que a nenhum dos litigantes assiste razão. O verdadeiro motor, aquele que produz a

autêntica electricidade é este nectar delicioso que estamos a saborear.—Foi interrompido por diversos apoiados da assistência.—Sem esta hulha branca, o nosso organismo não tem energia, acção, dinamismo; nem música, poesia e, até, também, não tem amor.—Novos e mais entusiásticos aplausos dos convidados que levantaram as taças, bem alto.

Por isso, eu brindo pelo homenageado e sua Ex.<sup>ma</sup> família que nos proporcionaram, neste grande dia de Santo António, santo onomástico do Sr. Engenheiro Pousada, a apreciação desta bebida dos deuses, sem a qual não há, igualmente, boa disposição, optimismo.—Pela terceira vez, foi interrompido, agora por uma saraivada de palmas.—Nem outra coisa era de esperar de um engenheiro electrotécnico. Bebamos, pois, pelas venturas e prosperidades de toda esta família, e para que este dia se renove, ano a ano, e nós, os presentes, não fiquemos, nunca, no esquecimento.—Con-

cluiu, tocando a taça nas dos donos da casa, no que foi seguido por todos os convivas.

O homenageado agradeceu, num breve, mas interessante discurso, as palavras de Filipe, findo o qual as taças retiniram, novamente, com mais entusiasmo e vibração.

Ainda o eco dos últimos sons não ficara extinto e já a orquestra dava os primeiros acordes de uma animada marcha.

A loira tomou, rapidamente, o braço do Dr. Jovial, antes que a morena o fizesse. O engenheiro convidou a sua amiga. E começaram a dançar em direcção à sala, o mesmo fazendo os outros pares, à medida em que se foram formando.

Maria Jovelina, logo que começou a dançar, mostrou despeito a Filipe, por motivo da sua grande intimidade com Marcela, observada durante a festa, convergindo constantemente um para o outro:

— Afinal, ao contrário do que me de-

clarou, na Avenida da Liberdade, vocês progrediram muito no caminho do amor.

— Amor, não. Amizade, apenas.—Emendou o advogado.

— Isso já não é só amizade.

— E porque não? A sua gracilidade e a sua gentileza, comunicativas, criam uma situação de tal amabilidade que pode parecer amor, sem, contudo, o ser.

— Quer afirmar que eu não sou amável para você?

— Não digo tanto. Mas há-de concordar que, naquele nosso último encontro, foi evasiva. Não deve, por isso, estranhar que eu buscasse o acolhimento que você me negou, onde ele se me oferecia. Mas nada de amor. Pelo menos, por enquanto.

— Para você uma rapariga só é gentil se consentir, logo à segunda vez que fala a um rapaz, em dar-lhe o braço pela rua fora.

Nada disso. Mas podia ter sido mais atenciosa, facilitando-me a direcção e crian-

do-me, até, uma esperança... Eu, como sou franco, tomo as atitudes dos outros tal qual me são dirigidas: quem me atrai, atrai; quem me repele, repele. . .

— Eu não o repeli. Se você se interessasse muito por mim, nessa mesma tarde, obteria a minha direcção.

— Como? . . .

— Você sabe-o bem. Não é preciso ensinar o padre nosso ao vigário . . .

Com esta frase, coincidiu a execução do último acorde da música.

— Logo, continuaremos a conversa. — Concluiu o Dr. Jovial, quase ao seu ouvido, acompanhando-a ao lugar.

A menina Pousada, mal se desligou do engenheiro, correu, pressurosa, ao encontro de Filipe. Tinha por objectivo pedir-lhe que cantasse. Porém, o seu principal fim era subtraí-lo à influência da loira.

— Há-de nos dar o prazer de cantar, esta noite.

— É curioso! Isso mesmo me estava,

ainda agora, a pedir a sua amiga... Mas, recusei-me a ela e, portanto, não posso satisfazer o seu desejo.—Declarou para a tranquilizar no seu ciúme que lhe perscrutou no olhar.

—Escusa de vir com desculpas. Não sai de aqui, hoje, sem o fazer.

—Bem. Visto ser da casa, não devo esquivar-me ao seu pedido. Porém, antes, preciso de dar uma satisfação à Jovelina.

—Mas não se demore.

—Volto já.

—Marcela deseja que eu cante. Quer vir, também, para o pé de mim?—Disse, dirigindo-se à menina Capota.

—Com muito prazer.—Respondeu a loira, acompanhando-o para junto da sua amiga.

—Canto, mas você tem de o fazer, também.—Advertiu o advogado a morena.

—Pois sim.—Concordou a menina Pousada, encaminhando-o para a beira do piano.

—E que música prefere?

— Uma qualquer que seja bonita e sentimental.

— Sabe aquela canção muito linda, chamada...? — Interveio Jovelina, indicando-lhe o nome dessa música.

— Como não hei-de saber, se é uma das que eu gosto mais?!

— Então, essa. — Disse Marcela, começando a procurá-la e sentando-se, logo que a encontrou, ao piano, para o acompanhar.

O advogado foi, calorosamente, aplaudido por toda a assistência e felicitado, em particular, pelas duas admiradoras.

A seguir, a orquestra tocou para dançar, agarrando a morena no braço de Filipe, antes que a sua amiga o levasse...

A loira foi convidada por Ludgero, resolvendo, agora, com mais razão, continuar na sua tentativa de o atrair.

Assim que deram os primeiros passos, Marcela elogiou o Dr. Jovial; da seguinte forma :

CORAÇÕES EM BRASA

— Pela segunda vez, verifiquei que você canta admiravelmente.

— Exagera muitíssimo. Isto nada é em comparação ao que desejava cantar para você...

— Não diga isso. Quem possui assim uma voz tem o mundo na mão.

— Eu tenho-o mesmo sem cantar...

— Sim, você, de facto, inspira muita simpatia.

— Não faça caso. Eu estava a brincar. Foi, apenas, para a ouvir... O meu mundo, como sabe, é você. E o seu?

— Quem há-de ser?...

— Obrigado. Até que, enfim, me confessei o que há tanto tempo ansiava... E agora é a sua vez.

— Julguei que já se tivesse esquecido.

— Não esqueci, nem a dispenso.

— Mas a minha voz nada vale ao pé da sua.

— Não importa. Prometeu tem de cumprir.

— Bem. Só para lhe fazer a vontade. E que música deseja?

— Aquela que mais lhe agradar. A que exprimir melhor o seu sentimento por mim...

— Ah, então, já sei qual há-de ser... — Concluiu, sentando-se ao piano, depois de a procurar, agora para se acompanhar a si própria.

Mal terminaram as felicitações da assistência à menina Pousada, a orquestra começou a executar música de dança.

O advogado tomou o braço dela para dançar. Jovelina aceitou o convite do engenheiro. E continuaram, desta forma, sem mudar de par, até o fim do baile, cerca das três horas da madrugada.

A menina Capota, a essa hora, já estava de posse do coração de Ludgero.

## VII

MARIA Jovelina ficara despeitada por o Dr. Jovial não a ter procurado, depois daquele encontro na Avenida da Liberdade, como ela esperava. E esse despeito atingiu a exasperação, quando verificou, na festa realizada em casa de Marcela, o apego, bem definido, dos dois.

Por esse motivo, resolvera desinteressar-se de Filipe, deixando-o à sua competidora, e dedicar-se, exclusivamente, a Ludgero. Reforçava essa razão a circunstância de o pai haver mostrado achar melhor partido o engenheiro, principalmente por lhe convir a sua profissão e o seu génio inventivo. Além disso, ela não o con-

siderava inferior, em todos os sentidos, ao advogado.

Naquela noite, Ludgero manifestara-lhe interesse em vê-la mais vezes. Ela informou-o de que costumava ir, de tarde, dois ou três dias por semana, tomar o ar fresco da estufa fria. Às sextas-feiras era quase certo.

Na primeira sexta-feira, depois do baile em casa da família Pousada, o engenheiro passou no Parque Eduardo VII, e, entrando na estufa, lá divisou, ainda a distância, sentadas, a loira, lendo um livro, e sua mãe, trabalhando em «tricot».

Dirigiu-lhes o seu cumprimento fino, habitual, sendo recebido pelas duas com atraente acolhimento.

No domingo seguinte, às onze horas e trinta minutos, aproximadamente, Ludgero telefonou à menina Capota. Após os cumprimentos e a troca de algumas palavras amáveis, Jovelina, não podendo demorar-se, disse-lhe que a poderia ver, se qui-

sesse, junto da igreja de Nossa Senhora de Fátima, à saída da missa do meio dia.

Na terça-feira dessa semana, encontraram-se na Baixa. E depois de outras falas, trocadas, quer pessoalmente, quer pelo telefone, a sua amizade transformou-se em amor declarado, que era do conhecimento dos pais.

Mas, apesar de o esforço feito para esquecer Filipe, namoro, também arraigado, de Marcela, dedicando-se sinceramente a Ludgero, não o havia, ainda, conseguido. Quanto mais ia conhecendo o afervoramento do amor da morena pelo advogado, tanto mais o seu coração lhe repetia não poder renunciar a ele.

Se o Dr. Jovial continuasse livre, talvez a sua tendência não atingisse aquele grau de paixão. Era a mágua de o perder, de o ver partir, definitivamente, para os braços de outra, que a consumia. E mais, ainda, lhe sangrava o golpe no peito, ao lembrar-se de que essa outra era a sua amiga.

Assim, não pôde resistir. E no seu espírito começou a germinar a ideia má de tentar roubá-lo a Marcela, usando, para tal, das suas costumadas habilidades.

Ela estava ao par de todos os passos do advogado, transmitidos pelo empregado da casa, que os sabia da boca do rapaz do escritório daquele.

Desta forma, Jovelina teve conhecimento, em meados de Julho, de que Filipe havia de ir a Portimão, num dos últimos dias desse mês, defender uma causa comercial, respeitante a uma fábrica de conservas.

A sua cabecinha loira, fértil em subtilezas, architectou, logo, o plano de se fazer encontrada com ele, na Praia da Rocha que, de certo, frequentaria nas horas vagas. E resolveu precedê-lo, a fim de lhe insinuar que a andava a seguir, escandalosamente.

Nesta ordem de ideias, tratou de convencer os pais a deixá-la passar uns dias, naquela praia, com uma família amiga, a

despeito de estar, já, combinado irem todos veranejar para a sua quinta, nos arredores de Sintra.

Obtida autorização, partiu na véspera da data marcada para a do advogado.

No dia seguinte ao da sua chegada, Filipe foi, de manhã, visitar a praia, que nunca tinha visto. E grande foi o seu espanto quando divisou Jovelina, junto dos rochedos «três ursos», na companhia de duas amigas. Aproximou-se, imediatamente, dela, cheio de surpresa e de satisfação.

— Você aqui!? Será possível?...

— Como vê... — Respondeu a menina Capota, estendendo-lhe a mão a todo o cumprimento do braço, com a sobriedade e a indiferença, fingidas, de quem recebe um importuno, e fazendo a sua apresentação às amigas.

— Estou admiradíssimo de a encontrar nestas paragens. — Continuou o Dr. Jovial, estranhando a sua frieza.

— Nada mais natural.

— Como veio para estes lados?

— Essa pergunta quero eu fazer-lha... Mas agora não que as minhas amigas têm pressa. Com licença. Eu volto já. — Concluiu, retirando-se para o seu grupo colocado em frente do Hotel Bela Vista.

Passados cinco minutos, ela voltou só. Mal se aproximou, dirigiu-lhe a palavra:

— Não esperava isso de você!...

— Mas que mal fiz eu?

— Que mal fez?... Ainda o pergunta!?

— Sim. Não me acusa a consciência de nada contra você.

— Então, acha correcto voltar a perseguir-me, agora que está para casar com a minha amiga?

— Mas eu não a persegui. Desloquei-me de Lisboa, em cumprimento, apenas, de uma missão profissional. Ignorava que você se encontrava aqui. E mesmo que o soubesse não poderia evitar a minha vinda. A menos que renunciasse aos interesses

num grande processo ligado ao meu nome de causídico.

— Como explica você ter uma causa a tratar, precisamente, nos dias imediatos àquela em que eu cheguei a esta praia?

— Vá ao tribunal de Portimão que será informada. Porém, se a minha presença se torna suspeita ou comprometedora para você, retirar-me-ei, imediatamente, deste lugar.

— Suspeita, sim. Comprometedora, muito mais. Eu sou a noiva do seu amigo.

— Depois do que lhe afirmei, continua, ainda, convencida de que eu vim aqui por sua causa?

— Não. Você é capaz de muitas coisas repreensíveis, excepto de faltar à verdade.

— Agradeço a justiça que me faz e, então, retiro-me para não a comprometer.

— Apesar do que lhe apresentei, pode ficar, se tem prazer nisso... Julgo que não se irá dar logo a coincidência de encontrar alguém conhecido.

— Imenso prazer. Tanto mais que desejo fazer-lhe uma grande revelação. — Declarou, começando a andar ao acaso. E prosseguiu: — Mas você há-de garantir-me que não se zanga comigo.

— Esteja tranqüilo. Certamente, não vai dizer nada que me desgoste.

— Não é essa, pelo menos, a minha intenção. — Esclareceu o advogado, dando, seguidamente, alguns passos em silêncio, a meditar no que lhe ia confessar, receoso de a ofender. Durante o seu mutismo, falou a mão dela que se lhe apoiou no ombro direito, como para se amparar. Este gesto, inesperado, encorajou-o a exteriorizar o seu pensamento, já a chegar aos «castelos»:

— Jovelina! Sei dos seus próprios lábios que está para casar com o engenheiro.

Ela não responde. E enfiaram pelo pequeno túnel que estabelece ligação com a praia de João de Arém, em absoluto silêncio. A meio dele, Filipe passou-lhe a mão,

ao de leve, pela cintura. Ao sair para o espaço fechado por altos penedos que parecem tocar o Céu, deteve a marcha e concluiu o seu pensamento:

— Eu estou, por minha vez, noivo da sua amiga. Mas a mulher que eu mais ambiciono, aquela que mais amo no Mundo, é você!--Exclamou, completamente, desorientado.

Os lábios da menina Capota tremeram, esforçando-se, debalde, em proferir qualquer palavra.

Só os olhos falavam. Fitos, fervorosamente, uns nos outros, diziam a linguagem ardente da paixão. As bocas, numa atracção irresistível, aproximando-se, cada vez mais, seguiam o desejo louco desses corações em brasa...

Quando elas estavam prestes a tocar-se, a loira, vendo, de relance, o perigo, desembaraçou-se, bruscamente, dele e correu em direcção ao mar, saindo pelo tunel denominado «buraco da avó». O Dr. Jovial

retrocedeu, então, pelo mesmo túnel por onde entrara, indo alcançá-la ao pé dos «três ursos».

Maria Jovelina ficou regosijada por ter realizado, com exito, o seu estratagema. Dera o primeiro grande passo para a obtenção do homem, tão ardorosamente, [disputado.

Filipe não estava menos satisfeito, por se lhe haver proporcionado ver, outra vez, aquela beleza loira que tanto o entusiasmava e lhe transtornava a cabeça. Porém, desesperava-se, ao reflectir no compromisso que o prendia à menina Pousada.

Todas as vezes que falava à loira, olvidava, novamente, a morena. Parecia que uma esponja lhe passava sobre a memória.

Nesse mesmo dia, a menina Capota escreveu a Marcela, participando-lhe o encontro com o advogado. E confessou-lhe a agradável companhia que ele lhe fazia, com excepção das palavras e actos, comprometedores.

Por seu lado, Filipe escreveu-lhe, também, como era natural, a dar-lhe as impressões da viagem e da sua chegada, não lhe ocultando a surpresa que teve ao ver a sua amiga, na Praia da Rocha.

À noite, foram ao casino, conforme haviam resolvido, dançando, sempre, um com o outro. E combinaram tomar banho, ao mesmo tempo, na manhã seguinte.

Quando ele chegou, ela já estava em fato próprio, num grupo misto de banhistas. Ao avistá-lo a descer as escadas que conduzem à praia, levantou-se, bruscamente, e correu para ele, sem dizer nada aos presentes. Este facto originou, neles, um gesto de curiosidade e, seguidamente, um susurro de espanto, por a verem cumprimentar aquele homem com quem dançara, durante toda a noite anterior.

Depois da troca de algumas palavras, ela caminhou, em passo vagaroso, para o pé do mar, enquanto ele foi mudar de fato, o que fez num ápice.

Ao chegar rente à água, ela olhou para traz, e como o visse, já, a sair da barraca, correu de encontro às ondas.

Ele depressa a alcançou, agarrando-lhe no braço, sob o pretexto de a amparar, e caminharam, agora, juntos.

Quando a água os atingiu no peito, debruçaram-se nela e começaram a nadar. Depois de várias evoluções para a direita e para a esquerda, ora a par, ora separados, e distantes dos outros banhistas, estacionaram a descansar um pouco.

Jovelina estava sobremodo satisfeita, por praticar aquele desporto na companhia do Dr. Jovial. Para manifestar o seu contentamento, começou a brincar, atirando-lhe água à cabeça, a que ele correspondia, mantendo-se, assim, uma luta, durante alguns minutos.

Por último, ela lançou-lhe uma alga que, por acaso, veio ter à sua mão, e que lhe acertou em cheio na cabeça, enrolando-se-lhe no pescoço.

Ao ve-lo atrapalhado para se livrar dela, deu uma gargalhada cristalina, fugindo, acto contínuo, com receio de represália. E esta não se fez esperar. Desembaraçado da planta marinha, Filipe mergulhou, imediatamente, na sua direcção e, passando por debaixo, roçou-lhe o dorso no ventre, a fim de a amedrontar.

Ela imaginou tratar-se de algum monstro do mar e ficou aterrada, soltando um grito tão grande que se ouviu na praia.

Momentos depois, ele veio à superfície e ela, percebendo o logro em que caíra, gargalhou, então, estridentemente, durante algum tempo.

— Deixe estar que lhe há-de sair cara a brincadeira. — Ameaçou a loira.

— Não tenho medo. De uma sereia como você só me poderá vir prazer.

— Veremos...

Fizeram mais algumas evoluções e ela, a certa altura, julgando-o distraído, mergulhou para lhe dar um beliscão, como se

fosse um caranguejo. Porém, ele estava atento aos seus movimentos, mergulhou, também, acto contínuo, e as bocas encontraram-se dentro de água.

Nos dias que se seguiram, as entrevistas do advogado com Jovelina continuaram no mesmo tom e ardor.

Passada uma semana, aproximadamente, o Dr. Jovial, havendo terminado o seu trabalho, regressou a Lisboa, sem que tivesse recebido resposta à sua carta.

Por isso, é de calcular a preocupação, que a todo o momento lhe assaltava o espírito, em delinear uma justificação da sua atitude, de forma a deixar Marcela sossegada, no caso de ser essa a causa do seu silêncio.

Dispunha, a seu favor, como bom argumento, da circunstância de a haver encontrado, casualmente, sem saber, sequer, que ela se deslocara de Lisboa. E desde que ocultasse os impulsos do coração que a surpresa do seu aparecimento, naquela praia,

despertara, o convívio, nesses dias, com Jovelina era natural e aceitável, tratando-se de uma pessoa das suas relações, amiga da morena e conhecida ao mesmo tempo que esta. Não desejava, apesar de tudo, perder a sua namorada, e queria evitar-lhe um desgosto de tal natureza, que o não merecia. Portanto, impunha-se-lhe agir desta maneira.

A loira, a despeito de ter prometido ao advogado, ficar mais alguns dias na praia, depois da sua retirada, não resistiu, atormentada pela inquietação, à ideia de partir, igualmente. Temia que, assim como ele, na sua companhia, se esquecera de Marcela, também, ao pé da sua rival, se poderia esquecer de si. E resolveu voltar, no dia imediato, dirigindo-se para a sua casa de Sintra, onde já se encontrava a família.



## VIII

QUANDO recebeu as cartas de Jovelina e de Filipe, Marcela compreendeu tudo. Era dotada de grande perspicácia e de notável intuição psicológica. Pressentia, mesmo, muitas vezes, o que lhe havia de acontecer.

Sabendo que o engenheiro Vila Fria namorava a sua amiga, apressou-se a telefonar-lhe, transmitindo-lhe a comunicação daquelas cartas e a sua ideia de que o encontro do advogado e da menina Capota, na Praia da Rocha, se tornava suspeito.

Ludgero ficou, completamente, surpreso e irado, ao conhecer essa notícia. Ela reve-

lava uma dupla deslealdade, quer do Dr. Jovial, quer da loira. Daquele, para com a sua namorada e o seu amigo. Desta, para com o seu namorado e a sua amiga. Agradeceu, portanto, muitíssimo, a informação da menina Pousada, e já não expediu a carta que havia escrito para Jovelina, respondendo à recebida no dia anterior. Como o assunto era assaz delicado para se tratar pelo telefone, minuciosamente, pediu-lhe que, se não visse nisso qualquer inconveniente, lhe concedesse uma entrevista. Resolveram que ela se realizasse na livraria « Bertrand », na tarde desse dia.

Quando a morena chegou, já a esperava o engenheiro. Mal se cumprimentaram, Ludgero encetou a conversa:

— Nunca julguei que falássemos em entrevista, prèviamente marcada!...

— O destino assim o quis.

— Parece impossível a atitude de Jovelina!...

— E incrível o procedimento de Filipe! . . .

— Eu calculo o que o Dr. Jovial terá feito por lá, com o seu temperamento ousado! . . .

— E Jovelina com os seus estouvados modernismos! . . .

— Devem fazê-la bonita . . . Estou mesmo a vê-los estendidos entre os rochedos.

— E, então, o local que se presta, às maravilhas.

— Quando cá chegar, ela já sabe o que a espera . . . Pela minha parte.

— E ele pode ficar certo de que nunca mais lhe falo. Não são coisas que se façam!

E, assim, continuaram, neste tom, a fala, por mais algum tempo, descendo o Chiado.

No decorrer da conversa, o engenheiro percebeu que não lhe era totalmente indiferente. Talvez, apenas, por desabafo e compensação do choque recebido. Marcela, por seu lado, inferiu da forma excessivamente galante como ele a recebeu, que fora

bem acolhida no seu coração. Além da simpatia por si que lhe notara desde o principio, unia-o a ela o mesmo sentimento, a circunstância de ele ser vítima do mesmo mal.

Por isso, os encontros deles sucederam-se. Tinham o intuito de troca de impressões acerca das notícias de Jovelina e do advogado, possivelmente, a receber, mas no fundo eram, acima de tudo, os corações que se aproximavam. Naquelas três simples entrevistas progredira tanto a sua afeição que se sentiam, já, como antigos namorados.

Assim, na seguinte, sem mais preâmbulos, aproveitando a oportunidade do desgosto e revolta da morena pela deslealdade de Filipe e baseado no seu identico estado de alma, em relação à loira, o engenheiro propôs-lhe, não namoro, que já existia, tácitamente, mas, sim, casamento.

Ela respondeu que, de facto, nutria por

ele arraigada amizade. Porém, para dar esse grande passo, precisava de pensar, de o estudar bem. Que, no dia imediato, lhe traria a resposta definitiva.

Esse espaço de tempo foi para Marcela de constante angústia e hesitação. Não sabia que fazer. Ora pensava em deferir o pedido do engenheiro, ora resolvia manter-se, a pesar de tudo, fiel ao Dr. Jovial, até ver. Se se inclinava para a continuação com Filipe, logo lamentava perder a oportunidade oferecida, sinceramente, por Ludgero. Se tendia para este, deparava-se-lhe, imediatamente, a figura insinuante e dominadora daquele a forçá-la a retroceder no seu caminho. E quanto mais dele se abstinha, tanto mais o seu perfil lhe surgia na sua frente.

Em determinada altura, porém, encorajou-se, ao reflectir que, embora sentisse, no peito, a chama da afeição pelo advogado, não podia perdoar a sua injúria.

E concluindo que o sentimento da dignidade deve sobrelevar todo o impulso do amor, por maior que seja, decidiu, resolutamente, dedicar-se ao engenheiro, aceitando a sua proposta de casamento.

## IX

QUATRO dias depois de Marcela lhe dar a resposta afirmativa à sua proposta de união conjugal, o engenheiro Vila Fria recebeu uma carta de Jovelina, comunicando-lhe a sua chegada a Sintra. Essa carta apresentava o aspecto do costume, o mesmo carácter afectivo das outras, como se nada se houvesse passado entre ela e o Dr. Jovial, na Praia da Rocha. Mostrava, até, estranheza por ele não ter respondido à sua carta, expedida daquela praia.

Assombrado pela attitude dissimuladora da loira, Ludgero compreendeu que o assunto era delicado de mais para se tratar

por escrito. Resolveu, por esse motivo, ir falar-lhe, pessoalmente, àquela estância. Queria discutir o caso, com toda a minúcia, frente a frente, a fim de, nas reacções íntimas da menina Capota, que as suas expressões fisionómicas revelariam, averiguar o que, verdadeiramente, se passara naquela praia.

Pensava, agora, que não devia tomar uma resolução definitiva, baseada simplesmente nas suas presunções. O seu espírito de justiça não consentia que praticasse uma acção iníqua.

Como o seu automóvel estava em reparação, partiu no primeiro combóio, depois do almoço, para Sintra.

Logo que chegou à sua quinta, avistou-a, no respectivo jardim, sentada numa cadeira de verga, debaixo de uma «Robínia», lendo, de perna traçada, um romance.

Grande foi, pois, o espanto de Jovelina, quando, erguendo o olhar, ao sentir passos,

deparou com Ludgero. Levantou-se, imediatamente, parecendo movida por estranho e violento impulso, e correu ao seu encontro, perguntando:

— Recebeste a minha carta?

— Sim, como vês... — Respondeu o engenheiro, cumprimentando, friamente.

— Grande surpresa me fazes! Não te esperava, tão depressa. Parece que as saúdes te apoquentaram... — Disse, gracejando.

— Não tanto como julgas...

— Talvez tenhas razão, porque não dispuseste de uns minutos para responder à minha carta.

— Para quê?...

— Para quê?!...

— Sim, já não te devem interessar as minhas cartas... E preocupada como andavas com os teus novos amores, não terias tempo para as ler e, até, de certo, iriam maçar-te...

— Novos amores?!... Tu é que esti-

veste, cá, todo entusiasmado com Marcela. Julgas que eu não sei tudo?

— Entusiasmado, não! Conversámos, unicamente, por causa do teu procedimento e de o do advogado na Praia da Rocha.

— O meu procedimento foi o mais natural possível... Encontrei Filipe, casualmente, e falei-lhe, apenas, na qualidade de amiga.

— Nunca vi uma mulher beijar um homem, na qualidade de simples amiga.— Insinuou o eugenheiro.

— Mas quem foi que te meteu na cabeça que eu beijei o Dr. Jovial?

— Não importa quem. Portanto, é inútil negar. Beijaste ou não beijaste?... — Gritou-lhe, de olhos esgaseados, esperando, contudo, que ela negasse, por ser mentira.

— Pois bem. Beije. Porque é o meu noivo, depois da tua traição.

— Beijaste!? Nunca julguei que fosse verdade. E ainda tens o atrevimento de o confessar!? E continuas a escrever-me!?!...

— Apenas, para liquidar este assunto.

— Mentira! Nem a forma habitual da tua carta, nem a maneira amável e interessada como me acabas de receber demonstram essa intenção. Falas, assim, porque, contra o que esperavas, te sentiste apanhada.

— Seja como for. Se não queria, quero, presentemente. Por conseguinte, de aqui em diante, não me fales mais, a não ser como simples conhecida.

— Exactamente, o que eu pretendia dizer. Tiraste-me a frase da boca. A pressa que eu tive em vir, logo, ao receber a tua carta, foi motivada pela ideia de tomar, imediatamente e à tua vista, essa resolução.— Mudando de voz, lamentou:— E, afinal, cometeste aquela leviandade para quê?... Julgas que ele casa contigo?

— E porque não?...

— Tu não o conheces. Ignoras que Filipe quer divertir-se. Promete casamento a todas e não o realiza com nenhuma.

— Isso agora é comigo. E se não for

aquele, será outro. Nunca me faltaram pretendentes, graças a Deus.

— Nesse caso, nada mais temos que falar. Adeus. — Concluiu, em tom suave, estendendo-lhe a mão, que ela segurou.

— Deixe-se estar... Abordemos outros assuntos.

— Outros assuntos não me interessam. Só o nosso amor aqui me poderia reter. Apenas, por ele, sacrificaria a minha vida. Mas esse morreu. Adeus! — Exclamou, apertando-lhe, novamente, a mão.

— Então, adeus. — E depois de ele haver dado alguns passos: — Mas não se esqueça; ficamos amigos como dantes.

— Veremos... — Respondeu Ludgero, olhando para traz, sempre a andar.

## X

No dia seguinte ao do seu regresso da Praia da Rocha, o Dr. Jovial apressou-se a telefonar a Marcela, não só para lhe dar a notícia da sua chegada, como, também, para indagar das razões porque não havia respondido à sua carta. E, assim, começou a respectiva ligação. Porém, considerando, de relance, que ela poderia estar ao corrente de tudo quanto se passara naquela praia, resolveu desistir. Receava que ela lhe respondesse desabridamente e, até, desligasse o telefone, de forma brusca. Por isso, preferiu fazer-se encontrado, contando, para suavizar o seu possível ímpeto, com a influência da sua insinuante presença.

Para esse fim, colocou-se, nesse mesmo dia, na Avenida da República, dentro do seu automóvel, junto do passeio do lado ocidental e a pequena distância da casa da morena, à espera que ela entrasse ou saísse da sua residência. Como, ao cabo de duas horas, não a tivesse, ainda, avistado, deliberou retirar-se e voltar, diàriamente, até a encontrar.

À terceira tentativa, cerca das quinze horas, viu-a, enfim, tomado, concumitantemente, de alívio e inquietação, a transpor a porta da rua e seguir no sentido da Praça Marechal Saldanha. Ela ia entrevistar-se com o engenheiro, que a esperava, junto à «Versailles».

Aguardou, em crescente ansiedade, a sua aproximação. E quando ela, desprevenida, a pensar em Ludgero, que já divisava ao longe, ia a passar em frente do seu carro, saiu repentinamente dele e embargou-lhe o passo.

A menina Pousada estacou, acto contí-

nuo, numa surpresa feita de alegria e contrariedade, hesitando se recebê-lo agradavelmente, se repeli-lo de forma severa. Porém, a decisão que ele mostrou, ao enfrentá-la, deixou-a sem vontade e confusa, abandonada a si mesma.

— Então, eu escrevo-te e tu não respondes à minha carta!?! — Exclamou em tom imperativo.

— Você sabe demais a razão porque...

— Não sei de nada. E, por isso, exijo que este caso seja, imediatamente, esclarecido.

— Ripostou, sem a deixar respirar...

— Hoje, não. Tenho muita pressa.

— Há-de ser já. Se não queres aqui, noutra lugar. — Retorquiu, intimativamente, agarrando-lhe num braço e impelindo-a, com a outra mão na cintura, para dentro do automóvel.

Perturbada pelo seu inesperado aparecimento, Marcela não teve energia para resistir, e, ao mesmo tempo, não quis provocar escândalo.

O advogado fechou, depressa, a porta, saltou para o volante e pôs o carro em marcha, antes que ela tomasse fôlego e se recusasse a acompanhá-lo, seguindo pela Avenida Berne e, depois, pela Estrada de Benfica.

O engenheiro, vendo da porta da «Versailles» a última parte da cena, e parecendo-lhe que a protagonista era Marcela, tomou, num pronto, o volante do seu carro e partiu, com toda a velocidade, em perseguição deles.

Após a passagem de Benfica, a morena perguntou-lhe para onde a levava. Ele, afrouxando um pouco a velocidade, respondeu-lhe que não sabia, ainda, mas, talvez, para Sintra. Ela ficou inquieta, por ir para tão longe, e ele sossegou-a, dizendo-lhe que não se apoquentasse, porque correria tudo bem.

Quando ele acabava de proferir estas palavras, o automóvel de Ludgero passou à frente, certificando-se de que os ocupan-

tes do carro perseguido eram, efectivamente, Marcela e Filipe. Para não ser notado, havia posto os óculos de viagem, de vidro escuro, com protecção de cabedal, erguido a gola do casaco, e enterrado a cabeça na boina.

Porém, à morena, fizera-lhe espécie aquele carro e o aspecto exótico do seu condutor. É inerente à mulher, de uma forma geral, um sexto sentido, o do presentimento. E em Marcela ele existia bem especificado. Por isso, ficou muito preocupada e mais, ainda, quando, depois de o ter visto derivar para a estrada de Barcarena, o avistou, novamente, atrás do seu carro, já perto de Sintra.

Chamou, aflita, a atenção do Dr. Jovial para o facto, revelando-lhe a presunção de que eram seguidos.

O advogado olhou, juntamente com ela, para traz, e verificaram que o carro mais próximo pertencia a uma família desconhecida. E não fizeram caso dos outros auto-

móveis, entre os quais vinha, efectivamente, o de Ludgero.

Atravessaram a vila e dirigiram-se para o Castelo dos Mouros. Apearam-se e entraram pelo portão de cima.

O engenheiro, ao ver a menina Pousada olhar para a retaguarda, havia abrandado, propositadamente, a marcha, deixando que outro carro o ultrapassasse, para despistar. E reparando na insistência dela em se voltar, saltou, em Sintra, para um «táxi», a fim de não ser descoberto, aproveitando a oportunidade da paragem do carro de Filipe, por motivo de interrupção do trânsito.

Assim que observou a entrada de Marcela e do advogado no Castelo dos Mouros, sentiu uma impulsiva gana de tirar, naquele instante, um desforço da injúria. Porém, conseguiu dominar-se, embora a muito custo, pensando que seria melhor e mais profícuo ir avisar Jovelina, imediatamente, do facto. Interessava-lhe que ela visse, com os seus próprios olhos, de que

força era o Dr. Jovial, para confirmar o que lhe havia dito dele.

Quando o engenheiro chegou à quinta, Jovelina jogava o tennis de mesa com o médico da casa, num canto do jardim. Debaixo da árvore, onde ela falara, alguns dias antes, com ele, estavam sentados os pais dela; a mãe a bordar uma toalha de chá e o pai a ler os jornais do dia.

Ludgero apeou-se, atarefadamente, do seu automóvel, ao portão do jardim, com o rosto transfigurado. No aspecto fisionómico de grande nervosismo, mostrava que graves acontecimentos haviam ocorrido. Entrou, dirigiu cumprimentos amáveis, mas rápidos, ao casal Capota, e, abeirando-se dos tenistas, chamou a filha de parte, depois de saudar ligeiramente o Dr. Caselas, e falou-lhe em voz baixa:

— Que lhe disse eu, no outro dia?!... Venha de aí, já, ao Castelo dos Mouros, se

quer ver o advogado beijar Marcela, tal qual beijou a você na praia.

— O quê?!... — Exclamou Jovelina, em tom alto, abrindo, desmedidamente, os olhos. E fazendo uma reflexão breve, como um relâmpago, acrescentou: — Um momento. — E correu, acto contínuo, para casa.

Todos ficaram atónitos, olhando uns para os outros, mas ninguém se atreveu a quebrar o silêncio que se estabelecera.

Passados alguns segundos, voltava com a mesma excitação e igual correria, agora para o automóvel do engenheiro, sem dizer palavra. Saltou para o volante e quando, após a entrada de Ludgero, ia a pôr o carro em marcha, a mãe, que seguira todos os movimentos da filha, interpelou-a com maior espanto ainda:

— Mas que vem a ser isto?!... Onde é que vais, filha?

— É cá uma coisa... Não tem importância. Eu volto já. — E partiu.

— Hoje, não há respeito, nem obediência, aos pais. Chega, aqui, um cavalheiro enervado, segreda algumas palavras a uma menina e arrebatá-a, logo, sem mais explicações, lançando-se a correr, os dois, loucamente! — Declarou o médico, despeitado.

O industrial indiferente a estas cenas da mociedade, com as quais não se dá ao trabalho de se preocupar, só se admirando da atitude passiva do Dr. Caselas em deixar levar a sua parceira do jogo, levantou, com bonomia, os olhos de cima do jornal e, desencavalitando os óculos, respondeu:

— Bem se vê que o doutor não é dos tempos de hoje! — E retomou a leitura.

— No entanto, é preciso cuidado com estes modernismos. . . — Retorquiou o clínico, em modo de advertência.

— A minha filha, doutor, sabe muito bem o que faz. É moderna e travessa, mas muito ajuizada. — Interveio a mãe, continuando o seu trabalho.

— Praza a Deus que a sua confiança, ilimitada, nela, não lhe traga, um dia, grande decepção! — Concluiu o médico, como num preságio, continuando a jogar, agora só.

## XI

Logo que o Dr. Jovial e Marcela entraram no Castelo dos Mouros, aquele procurou, caminhando de um lado para o outro, um lugar pouco frequentado, onde pudessem trocar impressões, à vontade, sem preocupação de que fossem incomodados.

— Aqui estamos seguros. Ninguém nos verá, nem ouvirá.

— Mas, não me posso demorar.— Objectou Marcela, entre receosa e nervosa.

— Apenas, o tempo necessário para me dares as explicações que te pedi. Porque não respondeste à minha carta?

— Já lhe disse que você conhece, tão bem como eu, a razão porque não o fiz. . .

— Por causa, então, do engenheiro! . . . Custou-me, sempre, a acreditar que fosses capaz de uma traição dessas.

— Mentira!

— Mentira, não! Tu tiveste várias entrevistas com ele, na minha ausência. Diz lá, agora, que não é verdade.

— Mas só lhe falei, depois de saber dos teus passeios com a minha amiga pelos rochedos da Praia da Rocha, . . .

— E condenas-me, sem me ouvires, sem te certificares se eu estava culpado?! Ela não é minha amiga, também? Eu não podia falar com ela, nessa qualidade? Não te mandei dizer que a encontrei, casualmente? Natural, pois, que passeássemos, ambos, na praia.

— Mas se fossem só passeios. . .

— Que mais havia de ser?

— Se eu não o conhecesse. . .

— Queres insinuar, talvez, que eu a beijei. Ela não é minha namorada.

— Você é capaz de beijar todas as mulheres, namoradas ou não. Julga que eu acredito terem-se encontrado, lá, por acaso?

— Juro-te que sim. Hoje, mesmo, posso prová-lo. Bastava só ires ao meu escritório e verias o processo que eu fui a Portimão defender. Mas pouco me importa que acredites ou não...

— Em ti acredito. Ela, porém, foi de propósito.

— Contudo, já lá estava.

— Embora. Saíu, à sucapa, de Lisboa, ela que, por assim dizer, não dava um passo sem me o comunicar. Demais a mais, partiu só.

— Se assim é, que queres que te faça?

— Que nunca mais fales com ela. Por esta vez perdôo-te.

— Bem. Nesse caso, também te perdôo.

— Estamos os dois perdoados... — Con-

cluiu Marcela, afável e comovidamente, ageitando-lhe a gravata.

— E ficamos os mesmos que eramos dantes? — Inquiriu, apertando a sua mão contra o peito.

— Sim. — Respondeu ela, rendida de amor, sentindo a boca dele aproximar-se, sem ter forças para desviar a sua.

E beijaram-se, apaixonada e demoradamente.

— Miseráveis!... Preparem-se para morrer! — Interrompeu a menina Capota, apontando-lhes uma pistola.

— Jovelina!... — Gritou Marcela, levantando-se e ocultando-se atrás de Filipe que também se pôs, imediatamente, de pé.

— Atira lá!... — Exclamou o advogado com um sorriso irónico e indeciso, salientando o peito, como a oferecer alvo.

— Cala-te! Olha que é capaz disso.

— Não. Não atiro! Seria ligar-te muita importância. Vegeta para aí com ela, no

meu desprezo! . . . — Exclamou a loira, em grande exaltação, atirando-lhe a arma aos pés. E virou-lhes, bruscamente, as costas, afastando-se a chorar de raiva.

— Deve ser de barro . . . — Disse o Dr. Jovial, abaixando-se para a apanhar.

— Talvez não. Ela é muito resoluta e corajosa.

— Tens razão. Verdadeira e de boa marca. Uma autêntica «Browning». E está carregada!

Neste instante, apareceu, de novo, Jovelina, acompanhada do guarda florestal, a quem declarou, ainda sob a influência da excitação nervosa e completamente desorientada, apontando para Filipe:

— Tentou matar-me, por eu os surpreender, aqui, a beijarem-se, a fim de calar, para sempre, o meu testemunho. Como vê, conserva, ainda, a pistola na mão.

— É falso! — Gritou Marcela, enèrgicamente, arregalando-lhe os olhos.

— Foi ela, sr. guarda, quem trouxe esta

arma e me a apontou, por ciume. Porém, compreendendo, no meu sorriso irónico, que eu não tomava a sério o seu gesto tresloucado, mais desesperada, ainda, atirou-ma aos pés. E, agora, vem acusar-me de um crime que, ela bem sabe, eu não sou capaz de cometer. — Explicou, calmamente, o advogado.

— Eles são capazes de tudo! — Ripostou a menina Capota, ainda, exaltada.

— Ela é que...

— Alto lá! Vamos por partes. — Atalhou o guarda, sorrindo, vendo que Filipe replicava.—Eu não duvido das alegações de V. Ex.<sup>a</sup>. Porém, até prova em contrário, tenho de fazer fé nas palavras desta senhora, que encontrei a chorar e se me declarou ofendida. E a atitude em que vejo V. Ex.<sup>a</sup>, empunhando uma pistola, confirma essa acusação.

— Eu já expliquei ao sr. guarda como os factos se passaram. Ela agora que negue, se tem coragem para tal.

— Que diz, minha senhora, a isto?

— Fui eu, efectivamente, quem trouxe a pistola. Desculpe. Há pouco, estava com uma grande crise de nervos. Este senhor é meu namorado. Acusei-o, desesperada, por o encontrar, aqui, a beijar aquela senhora. Senti gana de os matar. Mas faltou-me a coragem. E atirei-lhe a arma aos pés, num gesto de desprezo. — Confessou a loira.

— Ai, a questão é de ciúmes!?!... Então, estamos entendidos. Já sei como estas coisas são, por experiência própria. A mulher tanto ameaça um homem, com tiros, agora, como lhe atira beijos, logo... Com licença. Passem V. Ex.<sup>as</sup> muito bem. — Concluiu, descobrindo-se e afastando-se.

Jovelina retirou-se, também, ao mesmo tempo, arrancando, antes, a arma das mãos do advogado.

O engenheiro, por estranhar a demora dela, abandonara o automóvel, a fim de ir à sua procura. Depois de percorrer alguns metros dentro da mata, avistou-a saindo de

um tufo de arbustos em direcção ao caminho que conduz ao portão. Esperou que ela se aproximasse.

— É ou não o que eu lhe disse?...

— ...Mas eles pagam-mas...

— Não vale a pena. Deixe-os lá. Socegue.

— Disse, tomando-lhe o braço e encaminhando-a para o carro.

Chegados à quinta, a menina Capota, vendo, ao appear-se, que Ludgero continuava no automóvel e se predispunha a despedir-se, disse-lhe:

— Então fica aí?!... Venha tomar uma chávena de chá comigo.

— Agradeço, mas não posso aceitar. Tenho necessidade de regressar, já, a Lisboa, de onde parti, inesperadamente, só para a convencer da infidelidade do Dr. Jovial.

— Mais uma razão. Prestou-me um grande serviço. Quero corresponder-lhe, oferecendo-lhe, agora, esta prova de reconhecimento e amizade.

— Bem. Se assim é, se tem, verdadeiramente, prazer nisso, eu da mesma forma, com muito gosto, o aceito. — Declarou o engenheiro, aflorando-lhe a esperança de a reconquistar, nesta oportunidade de rancor para com Filipe e de gratidão para consigo.

Encaminharam-se para a sala de estar. Como os pais já houvessem tomado chá e tivessem ido gozar o fresco do arvoredó, ela mandou a criada servi-los ali. E, entretanto, foi pôr a pistola no sítio de onde a levou, antes que o pai notasse a falta dela, aproveitando a ocasião de se arranjar.

Começaram o chá em silêncio, e, assim, se conservaram, durante alguns instantes, cada qual entregue ao pensamento que mais lhe preocupava a alma. Ela um pouco excitada, ainda, a cismar no que tinha acontecido, e na forma de arrancar o Dr. Jovial a Marcela. Ele a cogitar na melhor maneira de reaver a sua afeição.

— Por amor de Deus, não diga nada a

meus pais do que se passou. — Rompeu Jovelina o mutismo.

— Pode estar tranqüila. E, agora, falemos de nós... Esqueçamos o passado. Firmemo-nos no presente e encaremos o futuro...

— Atacou corajosamente o engenheiro.

— Não. Não pense nisso. Amigos como dantes. Porém, nada mais. Estou-lhe muitíssimo grata pelo que fez por mim, mas não posso aceitar a sua proposta. Hei-de reconquistá-lo, custe o que custar. Marcela não se há-de vangloriar de me o ter roubado. Isso lhe juro.

— Cuidado. Não se meta em aventuras arriscadas. Não troque o certo pelo duvidoso...

— Aconteça o que acontecer. Quem manda é o coração. Quando ele ama alguém, nada mais há a fazer que obedecer-lhe.

— Nesse caso, só me resta uma solução: entregar-me inteiramente à ciência.

— É pena que desanime. Não lhe faltarão raparigas, se quiser...

## CORAÇÕES EM BRASA

— A minha escolha está feita. Mais nenhuma satisfaz o meu ideal. Ou você ou ninguém. Não me afirmou ser o coração quem manda? . . .

— . . . E quando faz a experiência do avião? — Perguntou a loira, para mudar de assunto.

— Talvês na próxima semana.

— Em que dia?

— Para que o quer saber? Se agora tudo mudou, já não lhe deve interessar a experiência . . .

— Ora essa! Que tem uma coisa com a outra? Continuo a interessar-me pelos seus exitos, como amigos que continuamos a ser.

— Bem. Então, dar-lhe-ei as minhas notícias. — Rematou, com a esperança de que ela, mais dia menos dia, reconsiderasse no seu gesto, vendo a impossibilidade de reaver o Dr. Jovial. Levantou-se, em seguida, dirigindo-se para o seu automóvel, acompanhado, até este, pela menina Capota.



## XII

DESDE aquela tarde da desagradável surpresa no Castelo dos Mouros, não saía da mente de Jovelina a ideia de ir ao escritório do advogado obter uma satisfação àcerca da sua attitude. Quase que não dormia, por esse motivo. Não era pessoa que desanimasse ou se conformasse, facilmente. O seu espírito caprichoso e ousado não tolerava que Marcela a destrossasse do coração dele. Não só por despeito, como, também, pelo grande amor que lhe dedicava.

Assim, passados alguns dias, foi, expressamente, a Lisboa, de tarde, com aquele intuito. Pretendeu entrar, sem prévio aviso,

aproveitando a circunstância de o empregado do escritório não estar no seu posto, nesse momento. Porém, quando atravessava a sala de espera, ele saiu do gabinete e embargou-lhe o passo. Teve, por isso, de sentar-se, enquanto era anunciada.

Logo que ele fechou a porta, levantou-se, rapidamente, correu em bicos dos pés para não ser presentida, e entrou, também. Receava que Filipe mandasse a resposta de que não a podia receber.

— Olá!... Que é que te traz por cá? — Perguntou o Dr. Jovial, indo ao seu encontro, com os braços abertos, e dissimulando a sua surpresa e o seu ressentimento pelo gesto ofensivo dela, no Castelo dos Mouros.

— Duas coisas: a primeira, duas bofetadas. — Disse, ao mesmo tempo que dava uma delas. E como não lhe applicasse a outra, o advogado, sorridente, apresentou-lhe a face contrária, apontando-a com o dedo e perguntando:

— Então, a segunda?...

Jovelina respondeu com uma grande crise de choro, virando a cabeça para o lado e pondo as mãos na cara, como envergonhada.

— Que é isso?!... Então, sou eu que apanho e tu é que choras!?... — Objectou, entre gracioso e comovido, tomando-lhe as mãos e tentando afastá-las do rosto, a que ela opôs resistência.

— Deixa-me!... Por saberes que eu te amo, fazes de mim um farrapo...

— Tontinha! E eu não te amo, também? — Afirmou, conseguindo, agora, afastar-lhe as mãos, pelo que, com o gesto e esforço, as bocas se aproximaram.

— Não!... Não!... — Exclamou, ao prever a eclosão de um beijo, escondendo a cara contra o peito dele.

Filipe beijou-lhe, assim, a orelha que lhe ficou à altura da boca.

Neste instante, Marcela, que pretendia falar ao Dr. Jovial e entrara sem, previamente, ser anunciada, por o empregado ter

saído, a briu a porta. E deparando com aquela cena, para ela afrontosa, disse:

— Ah, perdão!... Não sabia que estavam tão ocupados...—E fechou-a com força.

— Marcela!—Gritou o advogado, largando, bruscamente, a loira e correndo atrás da morena, que alcançou, ao transpor a entrada da sala de espera.

— Desavergonhado!...—Exclamou, virando-se, repentinamente, para traz, quando se sentiu agarrada, e dando-lhe, ao mesmo tempo, uma grande bofetada na face que, momentos antes, havia ficado livre.

Como persistisse em retirar-se, tentando arrancar o braço da sua mão, ele largou-o e colocou-se na frente dela, para a impedir de caminhar.

— Deixe-me passar!—Disse, imperativamente.

— Não sem me ouvires, primeiro.

— Já vi e ouvi tudo. Para mim, está clas-

sificado!... — Objectou, tentando novamente seguir em vão.

— Mas eu não tenho culpa...

— Ainda por cima se atreve a dizê-lo! Então, eu sou sua namorada, venho aqui falar-lhe, conforme combinámos, encontro-o a beijar aquela mulher e diz que está inocente! Mais do que culpa. É um insulto! — Exclamou, muito exaltada, renovando a tentativa de se ir embora, inútilmente.

— Sossega. Estás excitadíssima e, assim, não podes fazer o juízo exacto... Deixa-me explicar...

— Isto não tem explicação possível!

— Mas, ouve. Eu não estou culpado, repito. Foi ela que me procurou. Não a mandei cá. Veio, de surpresa, tirar-me satisfações daquele caso do outro dia. Entrou sem prévio aviso. Deu-me uma bofetada, também... E como eu sorrisse, não a tomando a sério, agarrou-se a mim a chorar.

— Mas tu estavas a beijá-la!

— Foi ela que, sem querer, me encostou

a orelha à boca, ao debruçar-se no meu peito... Porém, juro-te, de quem gosto, verdadeiramente, é de ti. Só contigo casarei. — Concluiu, conseguindo, assim, moderar-lhe o ímpeto.

Jovelina, que escutava a conversa, mal ouviu esta última frase, abriu, estrepitosamente, a porta do gabinete e, como um furacão, dirigiu-se a eles, dizendo:

— Com ela?...

— Comigo, sim! Pertenceu-me, sempre.

— Mentira! Quem primeiro lhe falou fui eu.

— Mentirosa és tu! Ele gosta mais de mim.

— Repete o que disseste. — Avançou, excitadíssima, para a morena, tentando engalfinhar-se nela, no que foi impedida por Filipe.

— Tenham juízo! Eu gosto de ambas, igualmente.

— Com ele?... Veremos. — Rematou a loira, saindo, bruscamente.

### XIII

O mês de Setembro corria mansamente. Estava-se à beira do equinócio, no limiar do período outonal. O Sol, sumo pintor da natureza, dava às uvas os últimos retoques de maturação. E declinava, nessa tarde excepcionalmente luminosa, no seu máximo esplendor.

Maria Jovelina passeava pela quinta, entretendo-se, por entre as cepas da vinha, a observar os cachos doirados, depenicando um bago aqui, outro acolá, que saboreava, numa íntima satisfação de sentir, já, melífica a sua doçura.

Em dado momento, começou a ouvir o ruído longínquo de um motor que se avolu-

mava, cada vez mais. Levantou a cabeça e divisou, no contorno azul do horizonte, a linha elegante de um avião metálico cinzento-claro, em que havia deslumbrantes fulgurações, ficando, algum tempo, a observar, estupefacta, o seu perfil impecável e garboso, que era a sua predilecção.

E se de cabeça no ar estava, mais no ar ela ficou, perturbada pelas suas audaciosas e fulmíneas evoluções. Presa desse acto de coragem desafiando o perigo, ardia em desejo de conhecer o arrojado autor daquelas proezas, que antevia elegante e garboso como o aparelho. Nunca tinha experimentado tanta ânsia de ver Ludgero. Ah! Se fosse ele, quanto se sentiria feliz em sabê-lo tão ousado, e como lhe daria agora todo o seu amor!

O avião continuava as suas evoluções no Céu hialino daquela tarde vespertina do Outono. E no céu primaveril e límpido do coração da menina Capota evolucionavam, também, as azas rufantes de Cupido.

De súbito, deixou de ouvir o motor, e percebeu que ele aplanava, parecendo-lhe procurar campo próprio para uma aterragem de emergência. Ficou preocupada e receosa pelo que podia suceder. Ali não havia lugar adequado ao fim em mente. A sua ânsia, aumentando ao passo que ele se aproximava do terreno, explodiu num enorme grito de horror; ao ver o aparelho tocar o solo, rolar alguns metros irregularmente e capotar, com grande fragor, no restolho do trigo.

Aflita, correu, imediatamente, para lá, a fim de prestar os seus socorros. Quando chegou, já os trabalhadores da quinta retiravam o avião dos destroços, muito ferido e inanimado. Ao reconhecer nele o engenheiro Ludgero Vila Fria, abriu os olhos e a boca de espanto, em redobrada angústia, aflorando-lhe as lágrimas, e ficando, alguns instantes, desorientada, sem conseguir articular palavra.

Logo que pôde falar, mandou leva-lo,

ràpidamente, para casa, resolução corroborada pelos pais nos acenos feitos a distância. Eles, juntamente com o dr. Caselas, visita frequente da família, como se tem dito, acorriam, nesse momento, ao local do desastre, atraídos pelo estrondo e pelo grito da filha.

Conduzido para o quarto dos hóspedes, foi, prontamente, reanimado pelo médico, ao mesmo tempo que lhe fazia um exame sumário.

Assim que ele recuperou os sentidos e abriu os olhos, logo, os esbugalhou, cheio de espanto, ao deparar com a mulher que tanto amava e tão repellido era por ela.

— Onde estou?!... Que me aconteceu?!...

— Nada de importância... Um pequeno raspão no terreno... Mas não se apoquente. Na minha casa não lhe faltará coisa nenhuma. — Respondeu Jovelina, com ternura e compaixão, acercando-se mais dele.

-- Obrigado!... Mil vezes obrigado! — Disseram os seus lábios exangues, num sor-

riso dolorido.— Ai!... Sinto-me muito mal!—Exclamou, a seguir, torcendo-se com dores.

— Deixem-me só com o doente. Quero examiná-lo, detalhadamente, em todo o corpo. — Declarou o médico para os presentes que, acto contínuo, saíram, incluindo a menina Capota.

Ao fazer o exame verificou que, além de várias escoriações na cabeça e no rosto, tinha uma luxação no ombro direito, uma perfuração na coxa esquerda, interessando o músculo, e outros ferimentos, em que applicou o tratamento de urgência. Reconheceu, porém, que se poderia dispensar a hospitalização do doente. Todavia, embora a auscultação não indicasse nada de anormal, achou prudente que ele fosse, immediatamente, radiografado. Admitia que, dada a natureza do desastre, tivesse qualquer lesão interna.

Para esse efeito, apressou-se a ir telefonar para o hospital de Sintra, pedindo que

lhe fosse enviado o carro dos feridos. Quando tomava o auscultador, ouviu a sirene da ambulância da Cruz Vermelha que se dirigia para o local do desastre, pelo que desistiu de fazer a ligação.

Transportado o ferido para a ambulancia, na respectiva maca, ela partiu, imediatamente, seguindo nela, também, o Dr. Caselas.

Jovelina não quis deixar de acompanhar o doente, interessada como estava na sua cura. Se a haviam impressionado os movimentos acrobáticos e a «performance», quando ele voava, vendo-o, ali, ferido, muito mais perturbada estava e cheia de compaixão que, na mulher, é parente próxima do amor.

Sentia, já, o renascer do afecto antigo, mais forte, agora, ela que, alguns dias antes, o repelira da tentativa de recuperar o seu coração. E, para completar o acto de generosidade e de expansão dos seus sentimentos afectivos, pretendia, também, constituir-se sua desvelada enfermeira.

Por todas estas razões, não se resignava a vê-lo partir sem a sua companhia. E, saltando para o seu automóvel, acompanhou a ambulância.

O exame radioscópico feito, logo que chegou ao hospital, não acusou qualquer anormalidade no seu organismo. Por isso, o médico radiologista apressou-se a declarar que o ferido não carecia de hospitalização, podendo, sem perigo algum, regressar a casa.

— Eu, também, entendo não haver qualquer inconveniente em que ele volte, já, para Lisboa. — Confirmou o Dr. Caselas, insinuando o seu regresso à Capital, para o arrancar das mãos da menina Capota que amava em silêncio, como se disse.

— Lisboa?!... Neste estado?!... Isso é que ele não vai. — E dirigindo-se a Ludgero: — Você volta mas é para minha casa, onde ficará até se restabelecer.

— Não, Jovelina! Agradeço a sua extrema amabilidade, mas não aceito. Entendo que não devo dar-lhe tal maçada.

— Ora essa! Maior maçada terei, se você for para Lisboa, visto que não dispõe de quem o trate e não pode ficar no hotel abandonado...

— Onde mora V. Ex.<sup>a</sup>? — Perguntou o radiologista à loira.

— Aqui pertinho, na Quinta do Cedro.

— Nesse caso, tem V. Ex.<sup>a</sup> razão. E dirigindo-se ao doente: — Sr. Engenheiro, deve aproveitar, porque não pode encontrar melhor... A todos os títulos. E felicito-o por se lhe proporcionar tão gentil enfermagem.

Os ferimentos que o engenheiro sofreu não foram tão graves como era de esperar daquele aparatoso desastre. Dez dias depois, podiam considerar-se todos cicatrizados, à excepção dos recebidos na perna e

no braço, que não lhe permitiam, ainda, movimentar-se livremente.

Logo que chegaram à quinta, ele foi, de novo, colocado no leito; onde se conservou, durante alguns dias, tendo a menina Capota a seus pés.

Ao quinto dia, experimentou abandoná-lo, tentando um passeio pelo quarto, auxiliado pela muleta e apoiado no braço dela. Porém, poucos passos conseguiu dar. Sentiu-se extenuado e deixou-se, por isso, cair numa das poltronas, completamente abatido. E comparando a vida dinâmica que, ainda, dia antes, fazia, com o estado deplorante de agora, achou-se tão desmoralizado que lamentou não ter morrido da queda.

A sua desvelada enfermeira, vendo-o, assim, em tanto desalento, acarinhou-o e animou-o, enxugando-lhe a testa com o seu lençinho perfumado.

— Obrigado, Jovelina! Não sei como lhe pagar tamanha dedicação.

— Por Deus! Nada. Não cumpro mais do que o meu dever. Ontro tanto faria, com certeza, no meu caso.

— Mil vezes mais, se fosse possível excede-la .

— Muito agradecida. E, agora, sossegue o espírito que, dentro de breves dias, se Deus quiser, há-de andar, como antigamente, pelo seu próprio pé.

Ela tinha razão. Desde o segundo dia que as melhoras se acentuavam, cada vez mais. E ao passo que se efectuava a cicatrização dos ferimentos, a tendência afectiva da menina Capota pelo engenheiro crescia, progressivamente. Nesse amor influíam, sobremaneira, o convívio, momento a momento, e a piedade dele. Era resultante, especialmente, do hábito da dedicação e ternura que lhe prodigalizava para suavisar os seus padecimentos. Tanto mais que ela considerava perdido, para sempre, o advogado, e calculava que Ludgero veria

## CORAÇÕES EM BRASA

no seu inexcedível desvelo o reatamento da afeição antiga.

E, assim, ficava, largo tempo, a seus pés, sentada num escabelo, costume que lhe ficou de quando ele estava na cama.



#### XIV

O Dr. Jovial só teve conhecimento da queda do engenheiro no dia seguinte ao do desastre. Ao ler, de manhã, o jornal, foi, dolorosamente, surpreendido por essa horrível notícia. Nela viu, também, que o infausto aviador fora recolhido pelos donos da Quinta do Cedro.

Apesar de as suas relações com ele serem muito tensas, motivadas pelo que se passara na Praia da Rocha, pensou, logo, em saber do seu estado. Pertencia ao número das pessoas que abatem a bandeira do despeito e do ressentimento perante o infortúnio do antagonista.

Assim, acto contínuo, pediu ligação tele-

fónica para aquela propriedade, sendo atendido, casualmente, pelo médico da família Capota.

O Dr. Caselas, cioso da sua intimidade com aquela família e, particularmente, com a sua gracil herdeira, não encarava bem a intromissão de qualquer possível competidor. Por isso, conhecendo o interesse de Filipe por Jovelina, informou-o, esquivamente e com frieza, de que o ferido estava livre de perigo, mas não convinha ser visitado, durante alguns dias. Esperava, desta forma, protelar a sua vinda até o regresso do engenheiro a Lisboa.

Nestas circunstâncias, o advogado perguntava, telefonicamente, todos os dias, pelo estado do enfermo.

Ao sexto dia foi informado, pela dona da casa, de que o doente se encontrava muito melhor e, até, já se havia levantado por algum tempo.

No dia seguinte, com grande espanto de Ludgero e da sua desvelada enfermeira,

surgiu-lhes à porta, inclinando-se com graciosa reverência:

-- Pode-se entrar?...

— Oh!... Faça favor... — Exclamou a menina Capota, levantando-se, imediatamente, correndo ao seu encontro com o mais acolhedor dos seus sorrisos, e conduzindo-o à poltrona onde se sentava quando o engenheiro estava na cama, completamente esquecida, de momento, da sua presença.

Porém, Filipe, resistindo, amavelmente, ao seu gesto insensato, dirigiu-se, logo, ao amigo:

— Então que foi isso, homem!? — Disse, cumprimentando-o.

-- Uma pequena cambalhota... sem importância. — Respondeu, apertando a mão do advogado.

— Se me dão licença, retiro-me, durante algum tempo, para falarem à vontade.

— Pode ficar. -- Atalhou Ludgero.

— A sua presença é sempre agradável e

requerida. — Acrescentou Filipe, num cavante agrado.

— Muito grata pela gentileza, mas aproveito a oportunidade para ir regar as minhas flores. Até já. — Retorquiu Jovelina, compreendendo que a sua perturbação pela presença do Dr. Jovial havia de a comprometer.

— Agradeço-te, imenso, os teus cuidados em informares-te, diàriamente, do meu estado e, agora, a tua visita. Porém, estranho que só hoje, quando já estou levantado, me venhas ver. — Disse o engenheiro, continuando a conversa.

— Não sejas injusto para comigo. Não me julgues capaz de uma falta de amizade, principalmente, num caso destes. Se não vim mais cedo foi porque o médico me informou de que não podias receber visitas, senão passados alguns dias.

-- Ah! Percebo... Ele nunca viu com bons olhos as nossas relações com a família desta casa...

E colloquearam, em tom amigável, durante cerca de vinte minutos, sobre o desastre e as suas causas.

Como se disse, a presença, inesperada, do advogado, havia despertado e recrudescido, rapidamente, o fogo do amor da menina Capota. Ele estava meio extinto pelo golpe do desaire, sofrido, naquela tarde, no escritório, em que Filipe dera a sua decisiva preferência a Marcela.

A pesar de o seu coração arder, de novo, em labareda de amor pelo Dr. Jovial, pensava que não devia demorar-se junto dele. Por essa razão e só por ela se afastara da sua beira.

No entanto, reconhecia que tinha de cumprir os seus deveres de urbanidade. Não estava mais ninguém, naquele momento, que fizesse as honras da casa. E mesmo que estivesse, forçoso lhe era voltar, porque não se havia, ainda, despedido.

Portanto, sentindo que ele se retirava foi ao seu encontro.

Quando o advogado a viu no corredor, ficou exultante, não só porque ela própria o vinha acompanhar até a saída, como, também, porque exhibia a expressão risonha e afável que apresentava dantes.

Logo que se aproximaram, as mãos apertaram-se, num mutismo sugestivo. Ao chegar às escadas, ele cingiu-a com o braço direito. Não falavam, porque as gargantas, embargadas por tão grande perturbação, não conseguiam proferir, nem uma palavra.

Depois de descerem alguns degraus, ele apertou-a contra o peito e beijaram-se, sofregamente. Um fervoroso desejo de se abraçarem, por completo, dominava-os, agora, numa cegueira louca. No fundo das escadas, havia do lado esquerdo do vestíbulo, a sala de piano, que os atraíu, completamente desvairados. E tê-los-ia absorvido, se a loira, num vislumbre do

## CORAÇÕES EM BRASA

perigo, não se tivesse desembaraçado, de um rasgo, fugindo para o jardim, a rir-se, perdidamente. Ele correu atrás dela, alcançando-a só ao pé do portão.

— Promete, agora, que não volta mais a falar com ela? . . .

— Prometo. Adeus. Até breve.

— Estou para ver . . . — Rematou a menina Capota, estendendo-lhe a mão.



## XV

**M**ARIA Jovelina mal podia dissimular a Ludgero a sua preocupação e o seu desgosto pelo que tinha acontecido, naquele dia. Ele perguntava-lhe o motivo da súbita transformação do seu espírito tão alegre e irrequieto. Ela eximia-se de contar-lhe a causa da sua tristeza, alegando, umas vezes, que se sentia fatigada, outras, indisposta. E mudava, logo, de assunto. Porém, em face da persistência dele, não aceitando como boa a sua justificação, viu-se forçada a apresentar-lhe uma razão mais convincente que o inibisse de a importunar com as suas perguntas indiscretas.

Queria, ao mesmo tempo, tirar-lhe da

mente a ideia de perscrutar nas suas expressões fisionómicas e nas suas atitudes, a verdadeira origem do seu estado de alma.

Assim, numa das suas insistentes e, até, rogativas indagações, respondeu-lhe, com bem fundado disfarce, que andava triste porque, cada vez mais, se aproximava a hora de ele partir. Estava tão habituada à sua agradável convivência que, tendo-o ao pé de si, já o sentia ausente. . .

Ela não faltou completamente à verdade. De facto, tomara-a, em parte, esse sentimento. Mas o principal motivo era a recordação das promessas de Filipe e o fundamento delas.

O engenheiro acarinhava-a e confortava-a, dizendo que viria de vez em quando vê-la, e ela aparentava, então, sorrir e sossegar, para, de ali a pouco tempo, voltar, distraída, à sua meditação.

Efectivamente, a partida de Ludgero estava próxima. Ele pensava não esperar pelo seu completo restabelecimento. Assim que

pudesse largar a muleta, embora andando com dificuldade, retirar-se-ia. E, agora, dada a mudança de tratamento da sua enfermeira, com mais razão.

Pretendia demorar-se o menor tempo possível, não só para não se tornar pesado, mas, principalmente, para não comprometer Jovelina aos olhos do público. Além disso, pressentira o que se havia passado entre ela e o Dr. Jovial, o que era confirmado pela sua inquietação.

\*

\*            \*

De harmonia com o que pensara e projectara, o engenheiro demorou-se, apenas, mais três dias em casa da loira, após a visita do advogado.

Teve uma despedida muito afectuosa por parte da família Capota, especialmente de Jovelina. Prometeu que voltaria, depois de completamente restabelecido, fazer-lhes

uma visita de agradecimento, o que realizou, passados cinco dias.

Quando chegou, foi recebido, com grande satisfação, em triunfo mesmo, pelas pessoas da Quinta do Cedro que o felicitaram, efusivamente, pelo êxito da sua cura, tão feliz que não lhe resultou o mínimo defeito.

Como fazia, ainda, muito calor, apesar de se estar, já, em princípios de Outubro, resolveram ir para o pomar, onde tomaram chá, à sombra de uma romanzeira.

Depois da troca de algumas palavras, o industrial voltou ao assunto das felicitações, da seguinte forma:

— O Sr. Engenheiro é um homem de sorte.

— Chama sorte sofrer uma queda de avião e estar vários dias de cama, em consequência dos ferimentos recebidos!... — Objectou Ludgero.

— Tudo é relativo, nesta vida. Então, não se chama favor do Destino, uma vez que

determinou essa fatalidade, cair, precisamente, na quinta de família amiga, haver recebido, apenas, ligeiros ferimentos, atendendo ao valor do desastre, e não ficar com qualquer deformidade?!—Insistiu o industrial.

—E ter por enfermeira dedicada uma rapariga gentil como Jovelina.—Acrescentou a Senhora Capota.

—Se não fosse a gravidade e contingência de uma queda dessas, eu diria, até, que o tinha feito de propósito, para me ter como enfermeira...—Interveio a loira, com intenção.

—O certo é que está, aqui, outra vez, são como um pero, talvez melhor, ainda, do que antes, com o descanso, os ares... e todo este ambiente.

—Há males que vêm por bem. Esse desastre serviu, pelo menos, para intensificar mais as relações de amizade com todos nós e, em especial, com Jovelina. E agora conversem à vontade.—Concluíu, inten-

cionalmente, a mãe, retirando-se na companhia do marido.

A loira exultava, ao vê-lo, ali, de novo, inteiramente sarado. Agora não perderia a oportunidade de pôr em prática as suas astúcias de namorada. O Dr. Jovial nunca mais aparecera, nem comunicara com ela. Julgava-o, por isso, perdido definitivamente.

Naquele dia, tinha de levar Ludgero a decidir-se sobre a união matrimonial com ela. Estava resolvida a provocar-lhe, ela própria, a proposta de casamento, se ele não tomasse essa iniciativa, quando ficassem a sós.

Oferecia-se, neste momento, a ocasião. Os pais haviam-se retirado mais depressa do que pensara. Interessados, tácitamente, na união conjugal da filha e do engenheiro e tendo observado a forma idílica como eles se conduziram, durante a doença deste, afastaram-se, propositadamente, para os deixarem à vontade.

Após a saída dos pais, o engenheiro e Jovelina ficaram mudos, durante alguns instantes. Ela a pensar na forma de o encaminhar para o assunto do amor, reatando o caminho tão bem encetado por aqueles. Ele a cogitar na maneira de lhe agradecer o seu extremo desvelo na sua doença, sem, contudo, resvalar para o campo da afeição, antes diligenciando encontrar o meio de se defender dele.

— Já agradei, genèricamente, a guarida e os cuidados que me proporcionaram nesta casa. Quero, agora, reconhecer, em especial, todos os carinhos e dedicação que você me dispensou, durante a minha doença. — Rompeu Ludgero.

— Nada a agradecer. Não fiz mais do que a minha obrigação, movida por um sentimento humanitário, reforçado pela nossa amizade.

— Muito apreciei o seu acto, por me tratar com toda a isenção, sem o mínimo

interesse... E, portanto, mais um motivo para lhe ficar infinitamente grato.

— Eu é que lhe estou imensamente agradecida por ter preferido cair na minha quinta... — Disse Jovelina, com intenção, em ar de gracejo.

— Por amor de Deus! Eu não o fiz de propósito. — Procurei, apenas, o melhor local para uma aterragem forçada.

— Por o Destino o precipitar na minha quinta, pretendia dizer... Parece que ele nos deseja unir. Não quis da outra vez, em que você tomou chá, também, comigo, mas agora...

— Agora é tarde.

— Porquê?!

— Porque dei novo rumo à minha vida. Nesse dia, você desenganou-me de tal forma e com tal convicção, tão decisivamente, afirmando a resolução firme de conseguir, a todo o transe, Filipe, que eu orientei os meus interesses noutra sentida.

— Dedicou-se a outra...

— Nada disso. De quem gostei, sempre, foi de você. Porém, como repeliu o meu afecto, decidi, conforme lhe disse, nessa ocasião, entregar-me completamente à ciência. E, assim, estabeleci correspondência com uma grande empresa construtora de aviões da América do Norte, a fim de me aperfeiçoar nessa especialidade, para onde devo partir brevemente.

— Vá que eu aguardarei o seu regresso.

— Não vale a pena. É provável que eu me demore.

— Espero o tempo que for preciso...

— Não, porque pode acontecer que lá fique durante muitos anos e, até, definitivamente... Vou dizer-lhe a verdade: não quero servir só para as faltas...

— Que quer dizer com isso? Parece uma insinuação.

— No dia em que o Dr. Jovial veio visitar-me eu compreendi o que se passou entre você e ele na escada... Não é uma insinuação, mas um facto.

— Não se passou nada de importância...

— Não negue. Percebi, nitidamente, que se beijaram. E, afinal, não voltou mais. Eu bem lhe dizia que ele não casava com você.

— Ainda não perdi as esperanças. Quando parte para a América?

— Ainda não sei. Aguardo ordens de embarque. Adeus.

— Então, desejo-lhe que tenha boa viagem e seja feliz nos seus projectos científicos. — Concluiu a loira, apertando-lhe a mão.

## XVI

A pesar da promessa que fez a Jovelina de não falar mais com a sua rival, o advogado, dois dias depois de deixar a Quinta do Cedro, foi visitar Marcela. E ficou surpreendido quando a criada, ao abrir a porta, lhe declarou que a menina havia-a prevenido para lhe dizer que não estava mais em casa para ele. Retirou-se, imediatamente, muito enervado com esta comunicação que não compreendia.

Durante oito dias, telefonou, várias vezes, insistindo em falar-lhe. Qualquer que fosse a pessoa que o atendesse, a resposta era, invariavelmente, que ela tinha saído. Na última vez, conhecendo-lhe a voz, ia a

cumprimentá-la, mas ela respondeu que era a criada, que a menina não estava.

Resolveu, por isso, embora com grande mágua, desistir da morena e virar-se definitivamente para a loira.

E, assim, no dia seguinte, dirigiu-se à sua quinta.

É fácil de calcular, portanto, a alegria que inundou a menina Capota quando se apeou do automóvel, junto da sua casa, o homem que lhe enchia completamente o coração. Tanto mais que havia passado dias de pungente dor por causa do seu abandono, agravada pela recusa de Ludgero em dar-lhe guarida no seu peito.

Mal o viu, correu para ele, a abrir-lhe, ela própria, o portão. E, logo após os cumprimentos, atirou-lhe a seguinte frase, encaminhando-o para uma cadeira, no jardim.

— Nunca pensei que voltasses.

— Então, julgaste mal. E eu não esperava isso de ti.

— Demoraste tantos dias . . . E não deste mais notícias . . . Por isso, julgava-te perdido para sempre.

— Tanto melhor. Não há maior satisfação do que a de reaver o bem que se perdeu, ou se julgava perdido.

— Tens razão. Sinto-me, agora, mais impelida para ti do que nunca. Posso contar, em definitivo, com o teu amor eterno?

— Precisamente. Não viria aqui, se não estivesse resolvido a tal.

— E Marcela? . . .

— Não falemos mais nisso. É um assunto arrumado. Vamos ao que interessa. De hoje em diante, cuida do teu enxoval.

— Casaremos, então? — Perguntou a loira, ainda um pouco duvidosa.

— Pois, claro. É muito em breve.

— Não imaginas a alegria que me dás nessas palavras! Obrigada.— Disse, radiante, lançando-lhe os braços ao pescoço e beijando-o.

— Não faço mais que obedecer ao meu

coração. E agora adeus. Não me posso demorar, porque os interesses da minha profissão reclamam a minha presença. Vim, apenas, para te sossegar.

— Não queres tomar uma chávena de chá, comigo?

— Hoje, não, obrigado. Voltarei, noutro dia, com mais tempo, para pedir-te em casamento e assentarmos nos pormenores dele. E, então, terei muito prazer em o aceitar.

E despediram-se.

Jovelina, depois de dar alguns passos em frente, correspondeu ao seu último gesto de despedida, e acompanhou-o, com o olhar, até desaparecer. A seguir, ficou, durante alguns momentos, imóvel e pensativa, como petrificada, sonhando acordada com o que lhe parecia, ainda, um sonho a dormir...

Após algum tempo, como sacudida por estranha força, veio à realidade, ilumi-

## CORAÇÕES EM BRASA

nou-se-lhe o rosto de alegria e lançou-se a correr para o fundo da quinta, a dar a boa nova à mãe.

E quatro meses depois estavam casados.



## XVII

**D**ECORREU cerca de um ano sobre o casamento do Dr. Jovial com a menina Capota, sem que, à excepção do mês da lua de mel, o sol da felicidade raiasse no lar. Por um lado, porque ele trazia, sempre, no pensamento, a imagem de Marcela que lhe reavivava a dupla dor de haver sido repellido e, conseqüentemente, de não ter casado com ela, como era do seu desejo. Por outro, porque Jovelina nunca se convenceu de que ele a tivesse esquecido, verdadeiramente.

Sabia, bem, da preferência que Filipe votara à sua antiga rival, em solteiro. E o amor, quando adquire fundas raízes, não

morre assim rapidamente, ou nunca, mesmo, falece, só porque se é forçado a esquecê-lo. Pelo contrário, ainda se aviva mais. Além dísso, ela teve conhecimento de que foi Marcela quem cortou as relações, e esse facto mais vinha reforçar o seu juízo.

Todos os actos e atitudes do esposo, — a forma como ele se comportava para consigo, a ausência de certas atenções e carinhos e a frieza que julgava ver na prática de outros, — attribuía a essa circunstância. Parecia-lhe perscrutar constantemente no seu íntimo, que se reacendia, cada vez mais, o amor dele pela menina Pousada.

Esta convicção levara-a, até, a mandá-lo espiar, várias vezes, sem colher, contudo, o resultado previsto.

E tais desconfianças, que ela mostrava a propósito de tudo e por nada, constituíam motivo de repetidas desavenças, tornando a vida do lar, a pouco e pouco, insupportável.

Todavia, o Dr. Jovial diligenciava, quanto

possível, esquecer a sua antiga namorada, e evitar o seu encontro com ela, eximindo-se de passear na sua área e nos lugares por ela frequentados.

Um dia, soube que Marcela estava noiva. Ao receber a notícia, o ciúme assaltou e apoderou-se do seu ser como o fogo que alastra em ambiente facilmente inflamável. Embora já não pudesse tê-la por esposa, fora tomado de tal forma pela sua figura insinuante e fascinadora que chegou ao egoísmo de não admitir outro homem no peito dela.

Começou, por isso, a andar triste e preocupado com esse facto, o que dava azo a multiplicarem-se as questões no lar, por Jovelina lhe lançar no rosto o motivo do seu estado de alma.

E, de azedume em azedume, os conflitos sucederam-se e agravaram-se a tal ponto que ele declarou-lhe, mais de uma vez, ser impossível, assim, viverem juntos.

Passados poucos dias da última contenda, começava a época lírica no «S. Carlos». O casal, sendo apaixonado por música, resolveu, a instância da senhora Jovial, ir assistir à estreia da companhia de ópera. Ele pusera dificuldades, a princípio, por ter necessidade de trabalhar, naquela noite, num processo urgente.

Logo que entraram, o advogado, lançando um olhar, de relance, pelo teatro, a observar a assistência, como costumava fazer, viu, com espanto e perturbação, que, num dos camarotes de lado, de segunda ordem, se encontrava Marcela entre o tio e o Dr. Caselas.

Se até ali o ciúme o mordia a cada instante, agora, ao verificar, com os seus próprios olhos, ser verdade o que lhe haviam dito, ele exacerbava-se, tocando o desvario.

E reconhecendo no homem que ladeava a morena, o médico da família Capota, que tanto o hostilizara, sentiu, imediatamente,

gana de correr lá acima e fulminá-lo, como um raio.

Porém, conteve-se, por si, por ela e por sua esposa. Iria provocar um grande escândalo, impróprio da sua posição, do seu nome e daquele ambiente selecto. Demais, todos o culpariam. Não só porque Marcela já não lhe pertencia e gozava da faculdade de escolher o seu noivo, da forma que entendesse, como, também, porque ele estava casado e não tinha, por isso, direitos, absolutamente nenhuns, sobre a sua antiga namorada.

E afinal, o Dr. Caselas não era, por enquanto, mais do que um pretense noivo. Por causa do casamento da loira, frequentava, agora, mais a casa da menina Pousada, com aspirações a ela.

Mas o Dr. Jovial ignorava a verdadeira situação. E, portanto, não tirava, por assim dizer, os olhos de lá, seguindo todos os gestos do par. Esta insistência despertou na sua esposa, curiosidade em saber que

razão lhe arrastava o olhar para aquele lado. E seguindo a sua direcção acabou por descobrir o camarote fascinador. Baixou, imediatamente, os olhos com disfarçada indignação e recolheu-se, dentro de si, a meditar no que julgava ser a confirmação das suas suspeitas.

As luzes afrouxaram. A orquestra começou a executar a sinfonia de abertura. E, pouco depois, o pano subia, lentamente.

Porém, Jovelina conservava-se completamente alheia a tudo que a rodeava. Outro tanto se passava com Filipe. Diante dos olhos de ambos, a cena passada no palco estava transformada na visão do quadro estonteante do camarote da menina Pouzada.

Quando surgiu o primeiro intervalo, o Dr. Jovial não pôde reprimir a tentação de fixar, de novo, o camarote. E ficou agradavelmente surpreendido ao notar que ela se encontrava, agora, só. Como arrastado por

uma corrente invisível, levantou-se e saiu.

Logo que se considerou fora das vistas da esposa, subiu as escadas em correria louca e entrou no camarote de Marcela, saudando-a. Ela, ao ouvir uma voz conhecida, voltou-se e certificando-se que era ele, levantou-se, repentinamente, exclamando em voz abafada, para consigo, ao mesmo tempo que fugia para o corredor, a fim de se furtar à sua presença:

— É doido! . . .

— Talvez. Mas proibo-te, terminantemente, que fales mais com esse homem!

— Exclamou, virando, rapidamente, as costas e descendo as escadas no mesmo ritmo de antes, não dando tempo a que a morena proferisse mais nenhuma palavra.

Quando chegou à plateia já não viu Jovelina no seu lugar, nem indícios de que ela estivesse no teatro. E teve, logo, um pressentimento doloroso.

Apesar disso, procurou-a por toda a

parte, onde era susceptível de encontrar-se. Mas, inùtilmente. Todavia, aguardou que retinisse a campainha indicando o começo do segundo acto. Esperou, mesmo, que este principiasse. E nada. Não aparecia.

Compreendeu, então, tudo. Completamente desvairado, saiu do teatro, tomou o automóvel, partindo em grande velocidade para casa.

Mal abriu a porta, começou a chamar por ela, repetidas vezes, em voz alterada e nervosa. Porém, não obtinha resposta. Dirigiu-se ao quarto dela e não estava. Procurou-a em todas as dependências e não a viu, também.

Já sem esperança de a encontrar, voltou à sala de visitas e deixou-se cair, completamente extenuado.

Como se um filme fosse projectado no infinito, via desfilar, em alucinante fantasmagoria, todo o passado. Casualmente, olhou para um canto da mesa de centro.

E, depois de o fitar, durante algum tempo, divisou, confundida com revistas e outros papéis, uma carta.

Levantou-se, acto contínuo, como impellido por mão gigantesca, e verificou que a letra era da esposa. Abriu-a, pressurosa e sofregamente, adivinhando o seu conteúdo, tal qual se abre o telegrama de família, onde há um doente em perigo de vida, e leu o seguinte :

«*Filipe*

Vi o gesto impulsivo, tresloucado, do teu coração e compreendi tudo. Havia muito tempo, já, que o suspeitava. Mas só hoje adquiri a certeza. Casaste comigo, unicamente, para me fazeres a vontade... Porém, o amor por compaixão não é duradouro, porque não tem fundas raízes. Agora, concluo que errei o caminho. Quando não existe uma natural inclinação afectiva, não resulta provocá-la. E eu forcei-a.

Embora sentisse a tua tendência, bem definida, para Marcela, não podia conceber, nem ao de leve, que lhe caíesses nos braços. Porque te amava com toda a minha alma. E, afinal, para quê? O Destino é caprichoso e persistente. Ninguém se furta ao seu imperativo. A ela te vais, por fim, de certo, enlaçar. Ter-te-há, agora, definitivamente. Alcançou-te pelo caminho do meu coração, passando por cima dele.

Não te quero mal por isso. A culpa foi minha. Só te auguro a felicidade com ela que não obtiveste comigo. São os meus devotados desejos. Marcela bem o merece, pelo seu correcto proceder e pela sua resignação.

Há duas qualidades que devemos, essencialmente, possuir, para triunfarmos na vida: saber calar e saber esperar. Eu não observei nenhuma delas. Ou, melhor, a minha inquietação, o meu nervosismo, não me o permitiram. Precipitei-me. Disso me sinto repesa.

Adeus, com o último beijo da que, ainda, te ama, mas não pode viver contigo,

*Maria Jovelina»*

Quando o médico regressou a casa, do teatro, já tinha um telefonema da família Capota para ir à sua casa, de Lisboa, acudir a uma crise nervosa da filha.

Partiu, imediatamente. E tendo conhecimento de tudo que se havia passado, sentiu uma grande alegria e tratou-a com mais desvelo e carinho do que nunca...

Três meses depois estava anulado o casamento de Jovelina com o Dr. Jovial.

Para a América do Norte, partira, já, o engenheiro Vila Fria.

O espírito arguto do leitor que nos acompanhou, passo a passo, concluirá, agora, facilmente, qual o desfecho deste romance de amor em que actuaram e palpitaram, ardorosamente, corações em brasa.



Como recebeu a Crítica o livro de versos  
«*Cânticos do Estio*», do mesmo autor :

De «*O Seculo*» :

«O músico e poeta António Cândido Ferreira publicou mais um livro de versos: «*Cânticos do Estio*». De uma sensibilidade feita de bem querer, eivado de um lirismo intenso, mas sadio, António Cândido Ferreira dá aos seus versos a força das confissões. É assim que os sonetos de «*Cânticos do Estio*» constituem belas páginas de riqueza poética e emocional, bem como as restantes poesias, que são, sem excepção, perfeitos documentos de uma alma aberta e desejosa de perfeição.

Mas o poeta é por igual sentido e sincero quando compõe, com flagrante espontaneidade, quadras ao gosto popular, ou quando escreve «*Os pobrezinhos*», «*Os meus amigos verdadeiros*», «*Romaria*», «*Braseiras*», etc., pondo em tudo frescura e graça simples e uma agradável harmonia.»

---

De «*A Vos*» :

«Acaba António Cândido Ferreira de publicar um novo livro de poemas: «*Cânticos do Estio*», «*versos de amor e da verdade*».

Poeta dos antigos, como métrica e rimas, «*comme il faut*», cultiva os temas tradicionais, afinados pela sua sensibilidade desperta para tudo o que é belo e grande na vida, mesmo que seja pequeno e humilde.

Aqui tem o leitor uma excelente amostra da inspira-

ção de António Cândido Ferreira, que olha muito ao largo para a natureza, mas sabe igualmente ouvir a sua voz interior, serena de penas e doirada de sonhos e ilusões :

«Sonho é tudo na vida e não é nada ;  
Bem que nasce e que acaba em nossa mente,  
Como o resplandecer de uma alvorada  
E como o declinar do sol poente.

Uma esperança vã, visão ardente,  
Sempre, pela ambição alimentada,  
De andar na vida, venturosamente,  
Numa suave e bela caminhada . . .

Sonho é ansia, desejo insatisfeito ;  
É sentir um clarim dentro do peito,  
Dia a dia, em constante retinir . . .

É filho do ideal e da incerteza,  
Irmão da claridade e da beleza,  
Tesouro que nós temos, e há-de vir! . . .»

«Sonho» se intitula o soneto acima. O poeta, na verdade, cultiva com esmero esse género literário. Noutros géneros, todavia, é também feliz. Na quadra, por exemplo ; e por exemplo, algumas :

«Para falar-te, mulher,  
Longos caminhos corri,  
E vê como eu emudeço.  
Agora, junto de ti !

É um contraste perfeito  
Esse teu rosto, Maria :  
Nos olhos tens sempre a noite . . .  
Na boca tens sempre o dia ! . . .»

---

*Do «Diário de Lisboa» :*

«Abrir um livro de poesia é como abrir uma alma. Encontra-se nele sempre o autor, voz murmura ou sonora, que procura revelar as suas ansiedades, traduzir as suas certezas, reflectir o que sentiu, sofreu ou amou.

Assim este livro «Cânticos do Estio» de António Cândido Ferreira.

O autor, que é um músico distinto, como que tem a harmonia do verso, sabe torna-lo ritmico, cantante, de um sabor, digamos, facil na elocução.

«Cânticos do Estio» é constituído por sonetos, no qual António Cândido Ferreira se revela modelar, como em «Natal», que além do descritivo é dum belo pensamento; e quadras soltas e poesias de varios metros. «Braseiras» tem fogo. A chama tutelar da casa, como um símbolo, nunca se extingue. «Exortação divina» é expressiva como sentimento. Podemos considerar esta poesia como um dos melhores momentos de inspiração do autor «Versos de amor e de verdade» subtitulou António Cândido Ferreira o seu livro».

---

*Do «Diário de Noticias»:*

«Com excelente treino na tarefa espiritual de fazer versos para lhe acomodar a música de tangos, valsas e outras composições que são também espontâneo produto da sua inspiração, o sr. António Cândido Ferreira sente-se como peixe na água para expressar em rimas sonoras muitos dos episódios que a vida oferece à sua sensibilidade. Por isso entremeia com a edição dos seus ligeiros trabalhos de versificação e música outras obras de maior responsabilidade literária e neste sentido já nos deu dois apreciáveis livros de versos: «Agua da Rocha» e «Cânticos do Estio». Este último agora publicado é uma colecção de sonetos, quadras e outras composições da mais variada estrutura poética que marcou nitido avanço sobre os trabalhos anteriores principalmente na naturalidade e toada popular de algumas das suas quadras.»

TIPOGRAFIA  
GARCIA & CARVALHO, LDA.  
R. SANTO ANTÓNIO DA GLÓRIA, 90  
LISBOA



biblioteca  
municipal  
barcelos



27104

Concepções em brasa